



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**ANÁLISE DO DISCURSO DOS JORNAIS IMPRESSOS DO
RIO DE JANEIRO SOBRE AS TORCIDAS
ORGANIZADAS DE FUTEBOL**

JANAINA LUIZA RODRIGUES DÓREA

RIO DE JANEIRO

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**ANÁLISE DO DISCURSO DOS JORNAIS IMPRESSOS DO
RIO DE JANEIRO SOBRE AS TORCIDAS
ORGANIZADAS DE FUTEBOL**

Monografia submetida à Banca de Graduação como
requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social/ Jornalismo.

JANAINA LUIZA RODRIGUES DÓREA

Orientador: Prof. Dr. Muniz Sodré de Araújo Cabral

RIO DE JANEIRO
2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Análise do discurso dos jornais impressos do Rio de Janeiro sobre as torcidas organizadas de futebol**, elaborada por Janaina Luiza Rodrigues Dórea.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Muniz Sodré de Araújo Cabral
Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Comunicação -. UFRJ

Prof. Dr. Gabriel Collares Barbosa
Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Expressão e Linguagens - UFRJ

Prof. Dr. Paulo César Castro de Sousa
Doutor em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Expressão e Linguagens - UFRJ

RIO DE JANEIRO

2013

FICHA CATALOGRÁFICA

DÓREA, Janaina.

Análise do discurso dos jornais impressos do Rio de Janeiro sobre as torcidas organizadas de futebol. Rio de Janeiro, 2013.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação –
ECO.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, que foram e são a base de quem eu me tornei.

AGRADECIMENTO

Agradeço aos meus pais, por serem as pessoas que mais acreditam, confiam e se dedicam a mim. Ao meu irmão, que me ajudou a aprender que dividir, muitas vezes, é multiplicar. Às minhas amigas (irmãs), que deixam a vida mais leve mesmo nos momentos mais difíceis, me arrancam as melhores gargalhadas e me fazem ter certeza que encontro nenhum acontece por acaso. Sou grata, ainda, aos professores e aos alunos da primeira turma da noite da Escola de Comunicação, que fizeram toda a diferença nessa longa caminhada.

Obrigada

DOREA, Janaina. **Análise do discurso dos jornais impressos do Rio de Janeiro sobre as torcidas organizadas de futebol.** Orientador: Muniz Sodré de Araújo Cabral. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

Este trabalho demonstra como as torcidas organizadas de futebol são representadas na mídia, em especial nos jornais impressos do Rio de Janeiro. Procura-se ressaltar que as imagens de torcedores violentos e propensos ao vandalismo são as mais lembradas nos veículos de comunicação. Para exemplificar isso, a pesquisa se debruça sobre as construções discursivas de textos jornalísticos relacionados ao tema nos meses de julho, agosto e setembro de 2012, publicados em *O Globo*, *O Dia*, *Meia Hora* e *Lance!*. O período escolhido se deu pelo fato de em agosto um torcedor vascaíno ter sido morto em um confronto com flamenguistas, e a ideia foi mostrar a diferença entre a cobertura sobre as torcidas organizadas antes e depois do assassinato. O projeto inclui também uma reflexão sobre a história dessas torcidas no país.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. A CHEGADA DO FUTEBOL E O SURGIMENTO DAS TORCIDAS ORGANIZADAS NO BRASIL	14
3. A IMPRENSA, O FUTEBOL E AS TORCIDAS ORGANIZADAS	21
4. MATERIAL E METODOLOGIA DE PESQUISA	25
5. ABORDAGEM DOS JORNAIS IMPRESSOS EM RELAÇÃO ÀS TORCIDAS ORGANIZADAS	28
5.1. Lance!	28
5.2. O Globo	32
5.3. O Dia	38
5.4. Meia Hora	45
6. CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE	50
7. EM QUE OS JORNAIS CONVERGEM	53
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS	61

1. INTRODUÇÃO

Quando eu tinha 10 anos, meu pai foi transferido para uma cidadezinha chamada Gainesville, nos Estados Unidos. Meu mundo se expandiu de uma forma que nunca mais voltou a ter o mesmo tamanho. Quase dois anos depois, eu continuava a morar na mesma cidade e foi de lá que vimos o Brasil ganhar a Copa do Mundo de 2002. Desde bem pequena, por influência de primos e parentes, eu já tinha escolhido o time para o qual iria torcer, mas foi o pentacampeonato brasileiro que se tornou a primeira lembrança marcante que eu tenho do futebol. Recordo de ter sentido uma ansiedade enorme antes dos jogos. Um sentimento quase inexplicável. Era a primeira vez que eu sentia a importância de se ganhar um jogo. Quando veio o título, de madrugada, foi em vão tentar não gritar muito alto para não acordar os vizinhos que estavam dormindo, alheios à nossa conquista e à minha euforia.

Eu, que na época não sabia quase nada sobre as regras daquele jogo tão fascinante, me apaixonei perdidamente pelo futebol. Não teve volta. Entendi, naquela Copa do Mundo, que o futebol realmente representa muito mais do que um simples esporte. Torcer por um time também pode nos dar uma sensação de pertencimento, por exemplo. Longe do país e morando nos Estados Unidos, onde o futebol tem pouquíssima tradição, foi uma forma que encontrei de me sentir mais próxima da minha identidade. O nacionalismo foi um sentimento cultivado dentro de mim desde criança, mas, com os meus 12 anos incompletos, lembro de sentir ainda mais orgulho de me afirmar brasileira depois daquela Copa.

No mês seguinte retornei ao Brasil e, com o passar dos anos, o futebol foi virando uma paixão cada vez maior. Mas tinha um fator que me causava mais encantamento. As torcidas, em especial, sempre chamaram mais a minha atenção do que o próprio espetáculo dentro dos campos. Dentro de um estádio lotado, sou capaz de perder minutos decisivos de um jogo apenas olhando para a festa das massas, as mãos dançando sincronizadas, as vozes se unindo em um só canto. Entretanto, também existe outro ponto que é sempre destacado em relação às torcidas - sobretudo às torcidas organizadas: a violência. O medo de ir ao estádio é um sentimento vivido por vários torcedores. E os jornais, muitas vezes, estampam em suas capas palavras que disseminam ainda mais esse temor. Guerra, confrontos, vingança são apenas algumas delas. Alguns periódicos colocam as torcidas organizadas

como as grandes vilãs do futebol brasileiro e, por vezes, chegam a defender a necessidade de sua extinção.

Foi assim que começou a surgir o meu interesse pelas torcidas organizadas de futebol, que vieram, então, a se tornar meu objeto de pesquisa. O objetivo deste trabalho é apresentar uma análise qualitativa e quantitativa das notícias produzidas por quatro jornais impressos do Rio de Janeiro. A ideia inicial é falar sobre o tipo de abordagem que a mídia dá às torcidas organizadas e tentar responder a perguntas como: será que este assunto é tratado com a profundidade e seriedade necessária? Será que o tema é sempre abordado de um ponto de vista maniqueísta ou existem outros tipos de enfoques? Em que momentos as torcidas organizadas se tornam notícia e por quais motivos? Os torcedores organizados também são ouvidos pelos jornalistas? Quem são as principais fontes usadas?

O período escolhido para a realização da pesquisa foram os meses de julho, agosto e setembro de 2012. A escolha desta data se deu pelo fato de, no dia 19 de agosto, o torcedor do Vasco Diego Martins Leal ter sido morto durante uma briga entre flamenguistas e vascaínos. Segundo os jornais, a confusão começou quando um ônibus com flamenguistas, vindo de Resende, passou por um grupo de torcedores do Vasco concentrados em um bar. Apesar de ter tentado se esconder em outro local, Diego foi morto por dois flamenguistas. No dia seguinte, a notícia foi publicada com destaque em diversos veículos de comunicação.

Um dos objetivos desta pesquisa é mostrar se há diferenças entre a cobertura do tema torcidas organizadas antes e depois de um episódio como a morte de um torcedor. Por isso serão analisadas todas as notícias publicadas sobre o assunto no mês anterior ao assassinato (julho), no mês em que ele ocorreu (agosto) e no mês posterior (setembro). Os periódicos escolhidos foram *O Globo*, *Lance!*, *O Dia* e *o Meia Hora*, por possuírem uma linha editorial e públicos-alvo diferentes uns dos outros.

O futebol se tornou um esporte de extrema relevância para o país, não apenas pelo fascínio que causa nos brasileiros, mas também pela importância econômica que adquiriu nos últimos anos. A importância deste tema se justifica pelo fato de o jornalismo ter uma influência enorme na forma como a sociedade enxerga determinados agentes sociais. É notório que o discurso jornalístico se mostra rodeado de sentidos que podem ser observados e interpretados de diferentes formas. As notícias veiculadas pelos meios de comunicação de massa não levam apenas informações “puras” aos leitores, mas também costumam refletir toda uma realidade social. É importante perceber se os jornalistas estão

reproduzindo ideais de uma determinada esfera da sociedade ou se estão ao menos tentando ouvir o máximo possível de versões para um determinado fato.

O capítulo *A chegada do futebol e o surgimento das torcidas organizadas no Brasil* irá dedicar-se a contar brevemente o início do esporte no país, quando foi trazido pelo inglês Charles Miller e ainda era voltado às elites, até o momento em que se tornou um espetáculo popular e das massas. O capítulo também irá narrar parte da história das torcidas organizadas brasileiras, como elas surgiram, por que tipos de transformações passaram e como elas se configuram nos dias de hoje. Ao final, será possível ler a história de cinco das principais torcidas organizadas do Rio de Janeiro: a Raça Rubro-Negra e a Jovem do Flamengo, a Força Jovem do Vasco, a Fúria Jovem do Botafogo e a Young Flu do Fluminense. Esta etapa do trabalho será baseada em livros como *O Clube como vontade e representação*, de Bernardo Borges Buarque de Hollanda; *Torcidas Organizadas de futebol*, de Luiz Henrique Toledo; e *Dos espetáculos de massa às Torcidas Organizadas*, de Tarcyanie Cajueiro dos Santos.

O terceiro capítulo, que irá se basear no texto *O espectador como espetáculo*, de Camilo Aguilera, descreverá um pouco das relações entre a imprensa, o futebol e as torcidas organizadas, mostrando como o jornalismo influenciou na configuração popular da torcida de futebol no país e como jornalistas como Mário Filho foram essenciais para a formação de uma torcida participativa. A ideia também é mostrar se houve mudanças, ao longo dos anos, na forma como a mídia e, sobretudo, os jornais impressos falavam e caracterizavam os torcedores organizados.

Com o quarto capítulo, pretende-se discorrer sobre o material analisado e a metodologia de pesquisa utilizada. É nesta etapa do trabalho que será explicada como e por quais motivos foram escolhidos o período e os periódicos, quantas notícias foram extraídas de cada jornal e como elas foram colhidas. O capítulo também aborda de forma breve o método de análise do discurso de Norman Fairclough, que apresenta um programa de análise da produção discursiva em oito pontos, que podem servir de orientação para a análise do discurso jornalístico.

A análise detalhada da cobertura dos jornais estudados será feita no capítulo *Abordagem dos jornais impressos em relação às Torcidas Organizadas*, que será dividido em quatro subcapítulos. Cada um desses subcapítulos será dedicado a um dos periódicos pesquisados. O objetivo é mostrar como este tema foi apresentado nos jornais, quem foram

as principais fontes utilizadas nas matérias, como os assuntos foram abordados e se houve diferenças entre os três meses pesquisados.

O capítulo seis irá se dedicar a apontar quais foram os principais critérios de noticiabilidade usados pelos jornais quando as torcidas organizadas se tornaram notícia, e se baseará nos livros *Para entender as notícias*, de Cristina Ponte, e *Teorias do jornalismo*, de Nelson Traquina. Por fim, o último capítulo antes das conclusões gerais irá apontar quais foram as principais semelhanças encontradas na cobertura dos jornais *O Globo*, *Lance!*, *O Dia e Meia Hora*.

2. A CHEGADA DO FUTEBOL E O SURGIMENTO DAS TORCIDAS ORGANIZADAS NO BRASIL

A origem do futebol no Brasil não é vista com unanimidade por parte dos estudiosos e pesquisadores, mas tornou-se convencional atribuir o seu surgimento a Charles Miller, um brasileiro de descendência inglesa. Educado na Banister Court School (Southampton, Inglaterra) e conhecedor das regras do esporte – que na época era considerado de elite –, Miller teria voltado ao Brasil, em 1894, trazendo uma bola de Futebol. Não sabia ele a febre que o esporte se tornaria no país. Entretanto, a formação do público popular que passou a acompanhar o futebol não se deu logo em sua chegada. Em seus primeiros anos em terras brasileiras, ele foi praticado fundamentalmente pela elite.

Durante todo este tempo, as mudanças no futebol sempre foram perpassadas por inúmeras dificuldades e a *profissionalização* deste esporte, em 1933, não fica fora deste processo. Em sua fase atual, o futebol já pode ser considerado como um *megaevento*, pois nele anualmente são levantados bilhões de dólares em todo o mundo, concretizando-o como um grande negócio (SANTOS, 2004, p. 15).

Com o passar dos anos, o futebol ganhou uma popularidade tão grande no país que o fanatismo e o amor aos clubes fizeram com que começassem a surgir as hoje famosas e controversas *torcidas organizadas*, conhecidas tanto pelas belíssimas festas produzidas nas arquibancadas como pelos seus atos de vandalismo e violência. Suas origens, assim como a do futebol, também não são vistas de forma unanime entre os estudiosos.

De acordo com Luiz Henrique de Toledo, novas formas torcedoras começaram a surgir no início dos anos de 1940. Essas torcidas possibilitavam, devido às suas estruturas, a continuidade da identidade e dos sentimentos de unidade vivenciados pelos apaixonados por futebol e que antes se restringiam quase que exclusivamente aos momentos dos jogos. A identificação de tais grupos tornava-se mais perceptível através da introdução e da utilização de diversos elementos: pequenas orquestras musicais, com instrumentos de sopro e de percussão; camisas bordadas, à maneira dos jogadores em campo, o que simbolizava a sua condição de participante ativo; confecção de faixas penduradas sobre o alambrado indicando o território ocupado pela agremiação no estádio, o que servia também para a orientação dos torcedores comuns quanto à divisão das torcidas; criação coreografias que se valiam de trajes criativos e multicoloridos.

Foi em São Paulo que se teve a primeira notícia sobre agrupamentos de torcedores organizados ou uniformizados: a criação, em 1940, da *Torcida Uniformizada do São Paulo F.C.*, pelos chamados torcedores símbolo Manoel Porfírio da Paz e Laudo Natel. Considerada por muitos como a mais antiga do Brasil, foi inspirada e originada no *Grêmio São-Paulino*, fundado em 1939 por Manoel Raymundo Paes de Almeida. Para Toledo, essas torcidas tinham uma estrutura básica de organização, com o comando de uma só pessoa, conhecida como “o chefe de torcida”, que agrupava em torno de si dezenas de simpatizantes. Como afirmou Areosa em uma edição da *Revista Placar* de 1974, durante as primeiras décadas do século 20, os *torcedores símbolos* tinham uma liderança tão intensa que mantinham os seus comandados sob uma disciplina quase severa. Além de representarem toda a torcida, eles também possuíam grande prestígio na imprensa. “De acordo com Areosa, não existiam inimigos, mas adversários superados pela festa das bandeiras e pela animação da batucada. De modo que ‘o objetivo da torcida organizada era apenas o de incentivar o seu time’” (SANTOS, 2004, p. 15).

O futebol brasileiro, sobretudo praticado nas décadas gloriosas de 50 e 60, culminando com o tricampeonato mundial de 1970, foi e tem sido com frequência associado a um romantismo, à suposta espontaneidade inata do brasileiro, ao sangue da raça; época em que surgiram os grandes craques como Garrincha, Pelé e tantos outros. O Brasil, que começava a ser identificado como o país da bola, é o mesmo que construiu no imaginário popular a figura do torcedor-símbolo, espontâneo e interessado apenas em externar sua paixão pelo time (...) (TOLEDO, 1996, p. 22/23).

Apesar de a primeira torcida organizada ter sido originada em São Paulo, o foco deste trabalho será voltado às torcidas do Rio de Janeiro, cidade onde a pesquisa foi realizada. Como já foi dito, sabe-se que no Brasil existem grupos *fiéis* de torcedores desde 1940, mas no Rio de Janeiro eles só surgiram dois anos mais tarde. “Em 1942, um funcionário federal no Rio de Janeiro chamado Jaime Rodrigues de Carvalho, torcedor do Flamengo, funda a famosa Charanga, uma banda musical que animava os jogos do time” (TOLEDO, 1996, p. 21). Na cidade carioca, Jaime foi o primeiro torcedor a equipar os simpatizantes de um determinado clube com uniformes e a fazer uso de músicas como forma de apoio e incentivo. A prática se tornou “tão eficaz que o próprio clube passou a financiar e custear as despesas da Charanga a partir de um campeonato sul-americano realizado na Argentina” (LEVER *apud* TOLEDO, 1996, p. 21).

Depois da Charanga, diversas outras torcidas começaram a surgir. Em 1944 foi fundada a *Torcida Organizada do Vasco* (TOV), por Ailda de Almeida e um grupo de amigas que nos anos de 1950 passariam o comando para Dulce Rosalina. Em 1946 surgiu a *Torcida Organizada do Fluminense* (TOF), fundada por Paulista. O ano de 1952 viu a criação da *Torcida Organizada do Bangu*, liderada por Juarez. Em 1957, a *Torcida Organizada do Botafogo* (TOB) era assumida por Tarzan, que substituíra Salvador Peixoto, veterano torcedor alvinegro da década de 1940 (TOLEDO, 1996).

Como pode ser observado, cada uma destas agremiações era liderada por um *chefe de torcida*. “O aparecimento simultâneo de formas coletivas ou coletivizadas de torcer atendia aos imperativos de ampliação da integração, da coesão e da participação do público esportivo” (HOLLANDA, 2010, p. 107). Esses *chefes de torcida* tinham a importante função de mediar o interesse dos torcedores junto ao chefe de polícia dos estádios e, por isso, passavam a ter a responsabilidade de controle daqueles atores emergentes no cenário futebolístico. Ou seja, eram verdadeiros porta-vozes do bom comportamento entre torcedores nas arquibancadas.

Estas entidades iriam conferir legitimidade aos chefes de torcida perante os demais segmentos do universo esportivo, que por sua vez apoiavam tais corporações em razão da afinidade explicitada por seus princípios basilares, estampados por elas próprias em suas autodenominações: uniformidade, os torcedores assemelhavam-se em nível interno, porém se diferenciavam em nível externo face aos demais espectadores; e organização, o grupo funciona por cooperação entre si e por subordinação a uma liderança única consensual (HOLLANDA, 2010, p. 107 - 108).

Entretanto, no final da década de 1960, o culto e a tradicional obediência à persona do chefe passaram a sofrer sucessivos questionamentos dentro das associações, o que foi motivado pelo engrandecimento, pela racionalização e pela burocratização por que atravessava o futebol profissional. “Se a chefia da torcida dependia muitas vezes do aval dos presidentes de clube, assim como das emissoras de jornal e rádio, agora o vínculo de muitos dos autointitulados chefes com esses dois polos de poder esportivo deixa de ser imprescindível” (HOLLANDA, 2010, p.135). Bernardo Borges Buarque de Hollanda também ressalta que quanto mais as torcidas requeriam uma estrutura de viagens para o acompanhamento do time nos jogos fora do estado e um local para abrigar o seu material – cada vez mais autônomo em relação ao clube, que crescia em termos quantitativos com

bandeiras, camisas e instrumentos musicais – menos a figura exclusiva do chefe tornava-se necessária. A unanimidade e o consenso em torno de um único nome se transformaram, então, na progressiva fragmentação da representatividade. Em síntese, as décadas de 1960, 1970 e 1980 foram marcadas pelas transformações pela qual a figura do *chefe de torcida* passou.

Como já pôde ser notado, as primeiras torcidas organizadas foram passando por processos constantes de mudanças. Mas, além disso, novos tipos de torcidas foram criadas. Os anos de 1967 e 1968 assistiram ao surgimento, no Rio de Janeiro, de agrupamentos de torcedores que adotavam a alcunha de Torcidas Jovens, coincidindo com a intensa circulação do bordão *poder jovem* na sociedade.

Em fins da década de 1960 e início da década de 1970, os editores do Jornal dos Sports partilhavam o princípio de que “toda a nação deve construir esporte, capitalizando a força e o entusiasmo dos jovens”. Assim, pressentiram o potencial quantitativo e qualitativo da juventude, que parecia conquistar com rapidez um espaço no mundo e na sociedade brasileira. A identidade dos jovens como grupo social independente já havia sido reconhecida e a formação de uma subcultura juvenil específica era cada vez mais destacada. A “cultura jovem” tão propalada pelos meios de comunicação lograva visibilidade e magnitude internacional ao projetar uma série de valores e padrões de sociabilidade de autorreferenciados. (HOLLANDA, 2010, p. 174).

Entre essas torcidas estavam a *Jovem Flu*, criada por um grupo de artistas torcedores do Fluminense, dentre os quais o compositor Chico Buarque de Hollanda; o *Poder Jovem do Flamengo*, fundado por sócios dissidentes do clube e da tradicional *Charanga* de Jaime de Carvalho e que em 1969 se transforma oficialmente na *Torcida Jovem do Flamengo*; e o *Poder Jovem* do Botafogo, formado por um grupo de amigos de Copacabana que costumavam ir juntos ao estádio.

Além de possuírem membros com uma faixa etária mais homogênea, essas Torcidas Jovens também tinham um caráter mais contestador que o das Charangas e o das Torcidas Organizadas, predominantes nos estádios até a década de 1960. Se até então o incentivo constituía a essência do torcedor, o ato de protestar passou a ser visto como o verdadeiro dever dessas novas agremiações. A principal alegação era protestar contra o time quando este estivesse jogando mal, coisa que Jaime de Carvalho não aceitava, pois para ele o torcedor tinha que apoiar incondicionalmente. A militância jovem dos anos 60, sobretudo europeia, foi uma grande inspiração; assim como os movimentos estudantis de

1968. “As Torcidas Jovens canalizavam a insatisfação dispersa entre os torcedores nos períodos de crise de suas equipes, outorgando-se o livre direito à pressão, ao apuro e à via dirigida à diretoria dos clubes, o que era facilitado pela ausência de vínculos diretos pessoais com os dirigentes” (HOLLANDA, 2010, p. 187). Essa independência em relação à direção dos seus respectivos clubes foi a motivação principal para o surgimento dessas novas torcidas.

Os anos 70, ápice dos grandes públicos no Maracanã, também trouxeram a criação de uma grande quantidade de torcidas organizadas. No Flamengo, surgiram a *Flamante*, a *Flaroflafla*, a *Fla 12*, a *FlaChopp* e a *FlaPonte*, todas elas criadas entre 1970 e 1976, e que se mantiveram vivas até finais da década de 1980. Em 1977 é criada a Raça Rubro-Negra, que rapidamente se tornou a maior torcida organizada do Flamengo. O número crescente de torcidas não era exclusividade do Flamengo, visto que o mesmo acontecia com todos os times. Como uma tentativa de agrupamento em torno de interesses comuns, foi criada a Astorj - Associação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro, em 1980. Entre 1981 e 1984, torcedores fazem piquetes e boicotes pela redução do preço dos ingressos, entre outras reivindicações. Mas no fim da década a violência urbana explode e o futebol acompanha isso. A Astorj não consegue conter as rixas entre facções de torcidas e acaba se dissolvendo.

Foram essas Torcidas Jovens que começaram a protagonizar práticas muitas vezes violentas, cânticos e expressões verbais de hostilidade e de desprezo aos adversários. Além das diferenças já citadas, essa nova torcida também se caracteriza por apresentar seus componentes de forma impessoal. Não são centradas na figura de uma só pessoa, como as anteriores, burocratizadas na sua estrutura organizacional, estatuídas, com presidente eleito para um período determinado, conselho deliberativo, diretoria e sócios, constituindo-se como uma empresa privada, sem fins lucrativos.

Além dessas características identificadas como exclusivas das novas formas de torcer, outra característica importante é o suposto papel social defendido pelos dirigentes de torcidas organizadas, quando alegam que em vários momentos, nas periferias dos grandes centros urbanos, são essas torcidas organizadas que promovem o lazer, se engajam em campanhas filantrópicas e garantem a assistência médica aos seus associados, como no caso da torcida Mancha Verde, em São Paulo. Tarcyanie Cajueiro Santos crê que a diferença está no fato de que “alguns jovens, que hoje são sócios das organizadas, parecem

dar mais importância ao fato de fazerem parte deste grupo, do que propriamente ao seu time” (SANTOS, 2004, p. 80).

Tendo sido feito um histórico do surgimento desses grupos no Brasil, será realizado agora um breve perfil de cinco das principais torcidas organizadas presentes nos estádios do Rio de Janeiro nos dias atuais¹. Apesar de existir um número grande de agremiações, são essas as mais conhecidas pelos torcedores cariocas: *Torcida Young Flu*, *Força Jovem do Vasco*, *Fúria Jovem do Botafogo*, *Torcida Jovem do Flamengo* e *Raça Rubro-Negra*. A análise das notícias dos meses de julho, agosto e setembro de 2012, dos quatro periódicos escolhidos, também mostraram que são essas as torcidas organizadas que mais aparecem na mídia.

A *Torcida Jovem do Flamengo* surgiu de uma dissidência da já citada *Charanga Rubro-Negra* e foi fundada em dezembro de 1967. Em seus dois primeiros anos de história, utilizou o nome *Poder Jovem*, inspirado no movimento negro norte-americano *Black Power*. Essa nova geração marcou uma mudança no comportamento dos torcedores. Se na *Charanga* os protestos contra os maus resultados não eram permitidos e bem vistos, os membros da *Jovem Fla* viam nos questionamentos uma forma de lutar pelo clube para o qual torciam.

Em 1969, depois de 11 anos sem conquistar um título estadual, jovens vascaínos decidiram criar a *Força Jovem do Vasco*. A fundação oficial veio um ano depois, em 1970. Assim como aconteceu com outras torcidas, o seu surgimento foi inspirado nos movimentos estudantis que pediam o fim da ditadura militar. A torcida, que tinha sede no Méier, foi presidida por Manoel Fogueteiro, de 1969 a 1970, e depois por Jorge Mello, em 1970. Entretanto, foi Ely Mendes quem ficou o maior tempo em seu comando – de 1971 a 1989. A primeira faixa confeccionada foi colocada na grade do Maracanã, atrás do gol, com os seguintes dizeres: “Vasco, o Méier te saúda”.

Presidida por Paulo César Pedruco, a *Torcida Young Flu* foi fundada em 1970 por um grupo de amigos – todos estudantes na época. Até hoje ela é formada basicamente por jovens que dizem aliar vigor, garra e dinamismo à experiência, seriedade e disposição daqueles cuja faixa etária está acima da média.

Tendo surgido em 1976, a *Raça Rubro-Negra* se diz pertencente à terceira e última geração de torcidas organizadas. No ano de sua criação, cartazes foram espalhados nas

¹ As informações que serão citadas a seguir foram retiradas e pesquisadas, em outubro de 2013, nos seguintes sites: www.organizadasbrasil.com; www.racarubronegra.com.br; www.furiajovem.com.br; www.forcajovem.com.br; www.torcidayoungflu.com.br

grades do Maracanã com as seguintes palavras: "vem ai o maior movimento de torcidas do Brasil". Por aproximadamente seis meses a divulgação foi feita desta maneira, mas a história desta torcida começou quando um desentendimento na *Flamor* causou o desligamento de alguns de seus sócios, que juntaram-se, ainda, a ex-integrantes da *Torcida Jovem do Flamengo*. Eles resolveram, então, fundar uma nova torcida. Uma torcida diferente, que de fato se tornou a maior do país. Outra informação interessante é que, de acordo com o seu site oficial, esta foi a primeira torcida a assistir aos jogos em pé, mudando a história das arquibancadas brasileiras.

Com o lema "Por amor ao Botafogo", a *Fúria Jovem do Botafogo* foi fundada em 2001 por torcedores que estavam indignados com a situação do clube, que havia conquistado o seu último título em 1998 (torneio Rio-São Paulo) e passava por situações críticas com frequência. Os fundadores desta torcida, que cresceu com rapidez surpreendente, faziam parte da *Torcida Jovem do Botafogo* – a mais antiga organizada do clube, mas estavam insatisfeitos com a sua postura e com alguns fatores internos.

3. A IMPRENSA, O FUTEBOL E AS TORCIDAS ORGANIZADAS

Como já foi constatado no capítulo anterior, a formação do público mais popular que acompanha o futebol não aconteceu de forma imediata, logo na chegada do esporte ao Brasil. Entretanto, pode-se dizer que esse processo aconteceu de forma rápida, e que a imprensa foi fundamental para sua consolidação como uma paixão das classes menos abastadas.

O processo de popularização e profissionalização do futebol brasileiro não demorou a se instalar e se estabeleceu com forte apoio da imprensa, que enxergou, com a transformação das partidas em espetáculos, a possibilidade de fazer do futebol matéria noticiosa. Assim, os jornais, ao tornarem o futebol um tema público, contribuíram tanto para a formação popular das arquibancadas e jogadores quanto para criar no imaginário dos espectadores uma necessidade de informação que passa a fazer parte da vida cotidiana de cada um (MELIM, 2009, p. 1).

Entretanto, a popularização do futebol como espetáculo não mudou apenas a composição socioeconômica do público, mas também fez surgir uma nova relação entre espetáculo e espectador (AGUILERA, 2004). Com a criação das arquibancadas – local frequentado por pessoas de classes mais baixas – surgem novas manifestações das torcidas. Segundo Camilo Aguilera, as expressões mais contidas da elite começaram a dar lugar a expressões mais apaixonadas. É nesse ambiente de transformação que se registram as primeiras agressões entre torcedores no futebol brasileiro e, com menos frequência, entre grupos deles.

Durante os anos 10, três acontecimentos são expressivos quanto às mudanças experimentadas a partir da presença das multidões populares nos estádios: 1) a imprensa registra as primeiras alterações entre torcedores ‘rivais’; 2) o clube do Botafogo inaugura uma prática que mais tarde vai se institucionalizar: a contratação de serviço policial para garantir a segurança dos espectadores e o bom-curso do espetáculo; 3) ocorrem as primeiras invasões do campo de jogo por parte de torcedores durante a disputa dos campeonatos (AGUILERA, 2004, p. 13).

Segundo Aguilera, o setor progressista da imprensa teve um papel fundamental na configuração popular da torcida de futebol no país, e o jornalista Mário Rodrigues Filho teve uma grande importância na conexão entre o jornalismo esportivo e as torcidas de futebol. “Ele, através do seu trabalho em jornais e no rádio, vai aportar elementos essenciais para a popularização do futebol” (AGUILERA, 2004, p. 14). É Mário Filho

quem muda a maneira como a imprensa se referia aos clubes de futebol. O Clube de Regatas Vasco da Gama, por exemplo, passa a ser chamado apenas de Vasco. “Mário Filho subverte a formalidade e a suntuosidade com que a imprensa referia-se aos clubes de futebol, contribuindo na difusão de uma linguagem popular ligada ao tema do futebol já presente na fala corriqueira da *rua*” (AGUILERA, 2004, p. 14). Mas não foi apenas na linguagem dos jornais que Mário Filho interferiu, ele contribuiu para a formação de uma torcida participativa.

Através de “O Globo”, Mário Filho passou a promover o Fla-Flu. Inventou o campeonato de torcidas. Na semana de cada jogo estimulava os torcedores a se superarem. Os grupos mais criativos, mais festivos e mais organizados ganhavam taças e medalhas. Premiava o primeiro torcedor a chegar ao estádio. Sorteava uma geladeira entre a torcida. Rubro-negros e tricolores despertaram e começaram a aparecer o mar de bandeiras, os torcedores uniformizados, as charangas e, nos jogos noturnos, as lanternas, os fogos e os balões, tudo com as cores de Flamengo e Fluminense. Os torcedores levavam tambores de escola de samba, pratos de banda militar, clarins e até sinos. Mário Filho transformou o domingo de Fla-Flu num domingo de carnaval (CASTRO, 1992, p. 132).

Durante muitos anos, “os jornais promoveram uma representação específica do torcedor brasileiro: amante da sua pátria, incondicional, alegre, mas também respeitoso e decoroso” (MOURA *apud* AGUILERA, 2004, p. 22). São essas as características dos torcedores que compunham as torcidas uniformizadas, que surgiram durante a década de 1940.

Segundo Tatiana Melim, com o surgimento das torcidas organizadas no final dos anos 60, a imprensa passou a dar notoriedade a elas através de coberturas que ressaltavam e incentivavam as festas nas arquibancadas. Essa mesma cobertura abriu espaço para a consequente caracterização do torcedor como apaixonado, guerreiro e capaz de tudo pelo time de coração. “A imprensa passa, então, a dar grande destaque aos recursos estéticos e às festividades que a juventude organizada proporciona nos estádios, apoiando o time com uma fidelidade nunca vista antes” (MELIM, 2009, p. 2). Entretanto, ainda de acordo com Tatiana Melim, desde o início, o engajamento político das torcidas organizadas foi ignorado e passou despercebido pela mídia.

Camilo Aguilera ressalta que a alegria e a festa não eram os únicos valores destacados pelo jornal a *Folha de S.Paulo*, que foi foco de sua pesquisa. As viagens feitas pelas torcidas organizadas também despertavam o interesse dos jornalistas. Camilo destaca

um trecho de uma crônica, publicada em 1976, relatando as peripécias de um grupo de torcedores da *Gaviões da Fiel* rumo ao Nordeste. Os momentos de alegria e de cansaço, as horas de sono, o desconforto do ônibus e as dificuldades econômicas atraíram a atenção do repórter Cláudio Faviere.

Escrita em tom épico, esta crônica de viagem atesta o reconhecimento por parte da Folha de S.Paulo das TO como protagonistas dos temas e acontecimentos que o jornalismo esportivo julga noticiáveis, mas atesta, sobretudo, umas das coisas que o jornal mais aprecia e valoriza nestes grupos de torcedores: a “fidelidade”, fervor, esforço e dedicação para com a *causa corintiana* (AGUILERA, 2004, p. 30).

O período entre 1986 e 1993 é identificado por Camilo Aguilera como uma etapa de transição no que se refere à relação entre a violência e o espetáculo que é o futebol. A violência entre as torcidas organizadas é mais alta do que nos anos anteriores. “Apesar dos episódios de violência, até o ano de 1993 o Jornal (Folha de S.Paulo) vai continuar valendo-se da TO como recurso estético” (AGUILERA, 2004, p. 57).

Entretanto, se por um longo período, como pode ser visto, os jornais impressos e os jornalistas podiam, em alguns momentos, ser considerados como aliados das torcidas organizadas, mostrando toda sua beleza e criatividade, foi apenas uma questão de tempo para a situação começar a mudar. O interesse pelo espetáculo nas arquibancadas foi diminuindo progressivamente e as notícias relacionadas às torcidas organizadas passaram a abordar temas como violência urbana e desordem pública.

A relação entre as duas partes – imprensa e torcidas organizadas – sofreu muitas mudanças ao longo dos anos, e a cobertura jornalística teve um papel decisivo no processo de marginalização dos torcedores organizados, a partir da década de 90 (MELIM, 2009). A violência dessas torcidas passou a ser apontada como uma das principais causas para a diminuição do público nos estádios, sendo vista como um elemento e prejudicial ao futebol. “Em outras e poucas palavras, as TO passam a ser ilegítimas, alvo de intensa e sistemática censura” (AGUILERA, 2004, p. 59). As principais vítimas dessa violência passam a ser as mulheres, as crianças e os torcedores comuns, que são impedidos de frequentarem os estádios, por medo e precaução.

A partir de então, as notícias são veiculadas de forma a criar uma opinião pública junto ao público consumidor, e não informar esse mesmo público

sobre os acontecimentos. Através dessa lógica, são produzidas reportagens sensacionalistas, espetacularizadas, o que acaba por definir uma opinião pública que enxerga no torcedor organizado apenas a violência.

De forma semelhante como acontecem com os movimentos sociais, os meios de comunicação tendem a falar das torcidas organizadas de acordo com os interesses político-mercadológicos ou de controle social. E, na maioria dos casos, o “torcedor militante” não é um bom exemplo de torcedor como aquele que leva a família ao estádio. Portanto, para a imprensa, torcedor exemplar é aquele passivo, cheio de emoções proporcionadas pelo futebol, que serve apenas para encher as arquibancadas e ser mero consumidor das notícias sobre o seu time (MELIM, 2009, p. 2).

4. MATERIAL E METODOLOGIA DE PESQUISA

No dia 19 de agosto de 2012, o torcedor do Vasco Diego Martins Leal foi morto durante uma briga entre torcedores flamenguistas e vascaínos. A confusão teria começado quando um ônibus com flamenguistas, vindo de Resende, passou por um grupo de torcedores do Vasco concentrados em um bar. Apesar de ter tentado se esconder em outro local, Diego foi morto por dois flamenguistas. No dia seguinte, a notícia foi publicada com destaque em diversos veículos de comunicação.

Neste trabalho de conclusão de curso, foram analisadas todas as notícias em que as torcidas organizadas foram citadas, publicadas ao longo dos meses de julho, agosto e setembro de 2012, nos jornais *O Lance!*, *O Globo*, *O Dia* e *Meia Hora*. Um dos objetivos da escolha deste período foi o de pesquisar e analisar todas as notícias veiculadas sobre torcidas organizadas um mês antes da morte do torcedor, no mês em que o assassinato ocorreu, e um mês após a morte. Desta forma, foi possível fazer uma análise atual dos discursos utilizados pelos jornais impressos em relação às organizadas e identificar como este sujeito social é apresentado pela mídia. Entre outras, algumas das perguntas que serão respondidas são: será que os jornais só falam sobre este assunto quando uma tragédia como a de Diego acontece? Em que momentos as torcidas organizadas se tornam notícia?

Ao longo dos três meses pesquisados, as torcidas organizadas foram citadas pelos jornais 74 vezes – seja em reportagens, notas, colunas de opinião ou entrevistas. Das 75 vezes, 23 delas pelo *O Lance!*, 14 pelo *O Globo*, 21 pelo *O Dia*, e 16 pelo *Meia Hora*. Esses quatro jornais foram escolhidos por serem voltados a públicos-alvo diferentes, permitindo uma análise mais completa da cobertura jornalística. *O Globo* é destinado aos estratos médios e altos da população, sendo escrito para as classes A e B. *O Dia* se dirige aos seguimentos médios mais baixos e populares. *O Meia Hora* foi criado a partir da necessidade de se atingir ao público das classes C e D, que até então não tinham algo voltado para eles. Por fim, o jornal *O Lance!* foi escolhido por ser voltado exclusivamente ao público esportivo, fundamentalmente aos amantes do futebol, objetivando atingir o leitor jovem de classe média, das classes B e C.

Para que fosse feita uma análise crítica do discurso utilizado pelos jornais, partiu-se do princípio de que as notícias produzidas e veiculadas por eles, e pelos meios de comunicação de massa de forma geral, não trazem apenas informações para seus leitores. Mais do que isso, é possível ver, através das notícias, a realidade social em que elas estão

inseridas. As notícias também são capazes de renovar a percepção que os seus leitores tem do mundo.

O Jornalismo atua além da mera produção de notícias, de um consumo massivo de informações. Configura-se em veículo de reinserção da audiência no universo social. Algo que se fá de forma habitual, ritualística. Falamos, pois, de um processo sócio-cultural de produção, veiculação e absorção dos fatos do cotidiano, que atuam na construção social da realidade, à medida que se transformam em experiências compartilhadas do mundo (MOTTA *et al*, 2004, p. 33).

Para a melhor compreensão das notícias veiculadas pelos jornais escolhidos, utilizou-se como base o método de análise do discurso referido por Norman Fairclough, citado no livro *Para entender as notícias*, de Cristina Ponte. Fairclough apresenta um programa de análise da produção discursiva em oito pontos, que podem servir de orientação para a análise do discurso jornalístico:

1. Análise focalizada sobre os modos como mudanças mais vastas na sociedade e na cultura se manifestam em mudanças de práticas discursivas dos media;
2. Atenção à linguagem e “textura” dos textos mediáticos, associando linguística e semiótica;
3. Combinação de análises textuais com observação de práticas de produção e de consumo dos textos;
4. Análise de textos e de práticas discursivas englobada numa análise social e cultural mais vasta das práticas dos media, incluindo relações de poder e ideologias;
5. Análise textual a nível linguístico e intertextual em termos de gêneros e de discursos;
6. Análise linguística multifuncional dos textos, apreciando como se orientam para a representação e a constituição de relações e identidades como processos simultâneos no texto;
7. Análise linguística de textos a diferentes níveis: léxico, gramatical, macro-estrutura semântica;
8. Perspectiva dialética das relações entre textos e cultura/sociedade: textos simultaneamente produtos socioculturais e constituintes de uma sociedade e cultura, não só reprodutivos mas também transformativos. (PONTE, 2005, P. 221-222).

Alguns dos conceitos centrais da investigação de Fairclough, e que também serão focados neste trabalho, são: linguagem, discurso e poder. “Este investigador destaca nas práticas sociais ocidentais contemporâneas duas tendências de intertextualização de discursos em torno de dois modelos: o modelo conversacional e a mercantilização e *marketização* do discurso” (PONTE, 2005, p. 221). Esta última tendência tem como

consequência a construção das audiências mais como consumidores e menos como cidadãos. Em seu texto *Discurso e mudança social*, ao usar o termo discurso, Fairclough propõe considerar o uso da linguagem como forma de prática social e não como uma atividade meramente individual ou decorrente de variáveis situacionais. Segundo o autor, essa questão possui algumas implicações. “Primeiro, implica ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação” (FAIRCLOUGH, 2008, p.91). A segunda implicação que Fairclough ressalta é que a linguagem como prática social implica uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social em que ele está inserido.

Tendo as reflexões de Fairclough como base, este trabalho de pesquisa pretende analisar, ainda, como as notícias são influenciadas pelos meios que as rodeiam e até que ponto uma visão imparcial – livre das interferências das classes dominantes e de outros fatores – consegue ser passada. Ao longo do trabalho de análise das notícias, procurou-se perceber, sobretudo, quem são as principais fontes às quais os jornais pesquisados recorrem para fundamentar suas notícias, como e se as notícias são contextualizadas, que tipo de linguagem é utilizada por eles e como os torcedores e as torcidas organizadas são apresentados.

5. ABORDAGEM DOS JORNAIS IMPRESSOS EM RELAÇÃO ÀS TORCIDAS ORGANIZADAS

Este capítulo apresenta a análise da cobertura dos jornais *O Globo*, *Lance!*, *O Dia* e *Meia Hora* em relação às torcidas organizadas do Rio de Janeiro. O objetivo é mostrar como este tema foi apresentado pela imprensa carioca, quem foram as principais fontes utilizadas nas matérias, como os assuntos foram abordados e se houve diferenças entre os três meses pesquisados.

5.1. O GLOBO

Data	Título
25 de julho	Trabalho de Dorival começa desde a base
20 de agosto	Tumulto entre torcedores de Flamengo e Vasco deixa um morto na Zona Norte
21 de agosto	Torcida pode ficar sem ir a estádios por até três anos
25 de agosto	Botafogo: hora de acabar com escrita
27 de agosto	Torcida 0, Bangu 1
28 de agosto	Força-tarefa em campo
29 de agosto	Cartão vermelho
30 de agosto	Disque-denúncia terá seção só para torcidas
31 de agosto	Copa 2012: torcedores violentos preocupam
1º de setembro	Torcidas do Mal
5 de setembro	TJ estuda ampliar Jecrim para reprimir violência nos estádios
6 de setembro	Torcedor é condenado a 18 anos de prisão
27 de setembro	TJ adota medidas para conter torcidas violentas
30 de setembro	Torcedores do Fluminense detidos por brigas são soltos

Quadro 1. Títulos das notícias do jornal *O Globo*

No período pesquisado, o Jornal *O Globo* publicou 14 notícias que, de alguma forma, estavam relacionadas às torcidas organizadas. De todas elas, apenas uma foi publicada antes da morte do torcedor Diego. Ou seja, do dia 1º de julho ao dia 19 de

agosto, as organizadas só foram notícia uma única vez. Após o crime ter acontecido, o número de matérias aumentou de forma considerável, e todas elas tinham a violência como assunto central – o que mostra que, para o jornal, existe uma relação direta entre os dois.

As torcidas organizadas foram notícia de capa do jornal *O Globo* em duas ocasiões, nos dias 27 e 29 de agosto. Os títulos usados foram: “Polícia fecha cerco a torcidas organizadas” e “Jovem Fla também é banida dos jogos”, respectivamente. A primeira matéria falava sobre 21 integrantes da torcida Young Flu, que foram levados para o presídio Bangu 2 depois de serem presos em flagrante por espancarem dois torcedores do Vasco na estação de trem de Engenho de Dentro. A segunda noticiava a decisão do Ministério Público estadual de banir a torcida Jovem do Flamengo dos estádios por um período de seis meses.

A primeira matéria sobre as torcidas organizadas foi publicada no dia 25 de julho de 2012, com o título “Trabalho de Dorival começa desde a base”. Esta matéria tinha o seguinte entretítulo: “Zinho e as organizadas”. A notícia relacionada ao tema estudado era que, ao chegar para o treino no Ninho do Urubu (centro de treinamento do Flamengo), Zinho, diretor de futebol do clube, encontrou 15 integrantes de torcidas organizadas do Flamengo à sua espera. Segundo o jornalista, Zinho autorizou a entrada de dois deles e depois acompanhou as declarações de um dos torcedores aos repórteres, que demonstrou apoio ao diretor de futebol. Apesar do tom mais positivo a respeito do tema e de não ter ocorrido nenhum tipo de confusão no dia, uma declaração de Zinho deixou claro que o encontro com os torcedores organizados é sempre uma preocupação: “Fiquei preocupado quando soube que eles estavam lá. E depois fiquei feliz ao saber que foram me apoiar”, disse Zinho. Ou seja, até mesmo esta matéria, que foi feita antes da morte do torcedor Diego, passou a ter uma relação – ainda que indiretamente – com o tema violência.

O Globo, assim como os outros jornais analisados, utilizou suas páginas para transmitir à população os recados de algumas autoridades e para mostrar as medidas que estavam sendo tomadas por elas. Isso fica claro quando se observa quais são as fontes utilizadas pelo jornal. A grande maioria são “representantes da justiça”, como o comandante do Grupamento Especial de Policiamento em Estádios (Gepe), a delegada da 24ª DP, o juiz do Juizado Especial Criminal (Jecrim), o presidente do Tribunal de Justiça, além de promotores e até mesmo do governador do Estado do Rio de Janeiro. A delegada Martha Rocha foi uma das fontes que teve mais espaço no jornal, com declarações em várias matérias.

Dois dias após a morte de Diego (um dia depois da publicação da notícia), *O Globo* publicou uma matéria com o seguinte título: “Torcida pode ficar sem ir a estádios por até três anos”. O texto mostra quais são as providências que estão sendo tomadas em relação ao ocorrido e afirma que a Torcida Jovem do Flamengo poderá ser punida caso o seu envolvimento com o assassinato seja comprovado:

A promotoria da Defesa do Consumidor do Ministério Público abriu ontem inquérito para investigar a responsabilidade da Torcida Jovem do Flamengo na morte do torcedor do Vasco Diego Martins Leal, de 30 anos, no domingo. Ele foi baleado durante briga entre torcedores dos dois times, antes do jogo, em Tomás Coelho.

Caso o MP e a Justiça entendam que a morte do torcedor foi provocada por uma participação coletiva da Torcida Jovem, ela poderá ser proibida de ir aos estádios por um período de três meses a três anos, com base no temo de ajustamento de conduta (TAC), em vigor desde junho de 2011.

O delegado Rivaldo Barbosa, da Divisão de Homicídios, tenta identificar um terceiro homem que estaria envolvido na briga. Dois membros da Torcida Jovem Fla estão presos e foram reconhecidos por três testemunhas. Alessandro Piedade Motta é acusado de dar quatro tiros na vítima. Daniel Monteiro Abreu teria esfaqueado o vascaíno (*O Globo*, 21/08/2012)².

Uma semana após a morte de Diego, no dia 27 de agosto, o *Globo* publicou uma matéria com os seguintes título e subtítulo: “Torcida 0, Bangu 2 – Integrante da Young Flu que espancaram vascaínos são levados para presídio”. Depois do incidente com o torcedor Diego Martins, outras notícias sobre a violência das torcidas organizadas começaram a ser publicadas. Uma delas foi esta, citada acima, sobre os 21 integrantes da Young Flu que foram presos em flagrante espancando e assaltando dois torcedores do Vasco na estação ferroviária do Engenho de Dentro. Essa prisão em flagrante foi usada como trunfo pelas autoridades, como forma de mostrar que a impunidade havia acabado. Uma das declarações que se destaca é a do tenente-coronel João Fiorentini, comandante do Gepe: “É um recado claro de que estamos fazendo tudo para responsabilizar quem faz o que não deve. Estamos fechando o cerco” afirmou.

Diversos outros “avisos” são repassados por meio do jornal. A matéria do dia 28 de agosto trazia a seguinte declaração da delegada Martha Rocha: “Estou recomendando aos delegados que a partir de agora qualquer fato envolvendo torcida organizada seja tratado com rigor”. Uma reportagem publicada no dia 30 de agosto trouxe uma declaração ainda mais direta da delegada:

² *Torcida pode ficar sem ir a estádio por até três anos*, 21 de agosto de 2012, editoria Rio, p. 11.

Quero falar aos que vão ao jogo de hoje (ontem): que entendam bem, que não tirem da cabeça a imagem daqueles 21 jovens (fotos dos torcedores do fluminense presos, divulgadas pela Secretaria Estadual de Administração Penitenciária), que nos próximos meses ainda estarão encarcerados. E que, talvez, na semana passada não tivessem a noção do que poderia acontecer. Eles só se deram conta do que estava acontecendo quando embarcaram num veículo que os levaria para o sistema carcerário. Estamos avisando que vamos ler o Código Penal com olhar macro para acabar de vez com a impunidade (no caso de violência envolvendo torcedores) – avisou a delegada (O Globo, 30/08/2012)³.

A declaração que parece ter repercutido mais vezes no jornal foi a do presidente do Tribunal de Justiça, Manoel Alberto Rebêlo dos Santos, que afirmou que, diante da frequência e da gravidade de crimes praticados por torcidas organizadas, a Justiça decidiu agir para fechar o cerco aos “bandidos travestidos de torcedores”. Esta afirmação foi publicada no dia 29 de agosto. Quase um mês depois, no dia 27 de setembro, o presidente deu uma nova declaração repetindo o mesmo termo: “Os clubes e a federação entenderam que precisamos agir com rapidez. Caso contrário, seremos tragados por bandidos que matam e agredem sem motivação alguma, praticando violência dentro e fora dos estádios. Não podemos dar trégua a bandidos travestidos de torcedores. A sociedade merece uma resposta”.

Antes dessa segunda declaração, Zuenir Ventura também utilizou o termo “bandidos travestidos de torcedores” em sua coluna sábado, publicada no dia 1º de setembro. Extremamente ofensiva aos torcedores organizados, o título da matéria, “Torcidas do Mal”, já dava uma breve ideia do que viria em seguida. Segue abaixo:

A melhor coisa que aconteceu ultimamente ao futebol brasileiro aconteceu fora de campo. É o cerco que a polícia e a Justiça estão fazendo a esses celerados que sob disfarce de “torcidas organizadas agem como gangues, promovendo badernas e cometendo espancamentos, roubos e até crimes de morte. Muito positiva a atitude do vascaíno Sérgio Cabral, classificando-as de ‘delinquentes’ e prometendo ação rigorosa do Estado. É preciso que os torcedores de bem de todos os clubes exijam de seus dirigentes atitudes firmes de condenação desses ‘bandidos travestidos de torcedores’, nas palavras do presidente do Tribunal de Justiça. Tricolor (como Alice), aplaudi a ação que mandou para o Bangu 2 os membros da tal Young Flu, presos em flagrante quando espancavam e assaltavam dois torcedores do Vasco. Como disse a corajosa mãe de um deles, trata-se de uma ‘facção criminosa. Eles saem de casa para matar os rivais’ (...) (VENTURA *in* O Globo, 01/09/12)⁴.

³ *Disque-denúncia terá seção só para torcidas*, 30 de agosto de 2012, caderno Rio, p.18.

⁴ *Torcidas do mal*, 1º de setembro de 2012, coluna do Zuenir Ventura, p. 23.

Também chama a atenção a falta de “voz” dos torcedores organizados no jornal. Em *O Globo*, apenas o vice-presidente da Young Flu, Flávio Martins, e um dos vice-presidentes da Federação das Torcidas, José Maria de Sá Freire Filho, foram usados como fontes, cada um em uma matéria.

Entretanto, é interessante perceber que essas fontes apenas reforçam o que já está sendo dito pelas demais. Flávio deu a seguinte declaração, em matéria publicada no dia 27 de agosto: “Nós apoiamos a atitude da polícia. Não defendemos baderna. Pelo contrário, queremos organizar. Não queremos bagunça. Acabou a história de polícia de um lado, torcida de outro. Mas é claro que vamos prestar apoio aos presos”. José Maria de Sá, no dia 30 de agosto, também apoiou as medidas que estavam sendo tomadas e festejou o fim da impunidade: “Inauguramos a entidade em 2007 e participamos do termo de ajustamento de conduta (TAC) do Ministério Público com o objetivo de evitar conflitos. Mas, nesses cinco anos, não havia punição. Agora a lei foi cumprida. Diziam (os torcedores brigões): ‘Ah, vou dar uma cesta básica, vou ficar detido até o fim do jogo e depois vou ser liberado’. Queremos poder levar nossos filhos aos estádios”.

Em *O Globo*, algumas matérias procuram mostrar exemplos de possíveis soluções para o problema da violência entre as torcidas organizadas, como a ideia de os clubes terem fichas cadastrais dos integrantes das torcidas e a premiação das organizadas mais pacíficas. Entretanto, nenhuma delas procura avaliar o problema de forma mais profunda e mostrar onde está o princípio da violência.

5.2. LANCE!

Data	Títulos
25 de julho	E era para protestar...
31 de julho	Promessa de pressão sobre R49
1º de agosto	Baderneiros na mira
2 de agosto	Protesto aqui...e lá
20 de agosto	Torcedor do Vasco é morto na Zona Norte
21 de agosto	Vascaíno é enterrado
22 de agosto	Segurança em primeiro lugar
23 de agosto	Facção é vetada por seis meses de estádios

24 de agosto	Facção acata punição
26 de agosto	‘Na Bombonera, polícia só entra onde La Doce deixa’
27 de agosto	Pressão
28 de agosto	Facções sob investigação
30 de agosto	Um nó a desatar
1º de setembro	Qual é a boa?
2 de setembro	Torcida troca protestos por apoio ao time
2 de setembro	Força acata punição
4 de setembro	A faixa solitária
11 de setembro	Comentário sobre Força Jovem no <i>L! Imagem</i>
14 de setembro	Violência assusta até polícia
15 de setembro	Um basta à violência e à intolerância
22 de setembro	Organizadas desistem de protesto no Raulino
27 de setembro	Promessa de emoção e violência
30 de setembro	Paz aparente

Quadro 2. Títulos das notícias do jornal *Lance!*

Com base nas 23 matérias jornalísticas analisadas, verificou-se que o *Lance!*, por ser um jornal exclusivamente sobre esportes, deu mais destaque para o assunto em questão e realizou reportagens mais extensas e elaboradas que *O Globo*. A maior evidência dada ao tema torcidas organizadas também fica clara no número de matérias, que foi o maior entre os quatro jornais.

Chamou a atenção o fato de, nas matérias publicadas um dia após o crime, o *Lance!* ter sido o único jornal que citou torcedores organizados como responsáveis pela morte de Diego. No dia 20 de agosto, os demais jornais falaram apenas em “torcedores do Flamengo”, sem relacioná-los diretamente à alguma torcida organizada, já que ainda não existiam provas de quem havia sido o responsável. O jornal *O Dia*, entretanto, apenas mencionou que foi encontrada uma bandeira da Torcida Jovem do Flamengo no ônibus em que os dois suspeitos do crime foram detidos.

Assim como *O Globo*, o *Lance!* também mostrou em suas páginas as medidas que estavam sendo tomadas para evitar novos problemas entre torcidas organizadas, inclusive

em outros estados brasileiros. Um exemplo é a matéria do dia 22 de agosto, com título “Segurança em primeiro lugar”, que fala sobre o trabalho das autoridades de três estados (Minas Gerais, Pernambuco e Rio Grande do Sul) que receberiam clássicos (Cruzeiro x Atlético Mineiro; Internacional x Grêmio; e Sport x Náutico) nas partidas daquele final de semana. A reportagem possui um box falando sobre como cada estado estava agindo em relação à divisão das torcidas, ao policiamento e ao planejamento. O box traz, ainda, um breve retrospecto dos problemas com torcedores no último confronto entre os times citados.

Outro exemplo é a matéria do dia 28 de agosto, que traz informações sobre o anúncio da Polícia Civil de que seria criado o Núcleo de Combate e Prevenção às Ações de Torcidas. Uma das fontes é a delegada Martha Rocha, que deu a seguinte declaração: “Aquele que deseja o futebol como arte vai aplaudir essa iniciativa. Não podemos mais tolerar a violência como um componente do esporte. Este não é um exemplo que queremos dar para a Copa do Mundo. É preciso agir com Rigor”. Apesar de também ter sido, de certa forma, uma espécie de porta-voz das autoridades, o *Lance!* mostrou uma postura mais crítica que *O Globo* e não hesitou em fazer algumas críticas, como será visto mais adiante.

O jornal publicou quatro matérias sobre torcidas organizadas antes da morte do torcedor Diego. Duas sobre protestos da torcida do Flamengo por resultados melhores. Uma sobre a tentativa da torcida do Flamengo de “atrapalhar” a vida de Ronaldinho Gaúcho (ex-jogador do clube) durante partida pelo Campeonato Brasileiro, e uma sobre a aprovação de um pacote de medidas, pela Câmara e o Senado do Chile, que responsabilizam dirigentes e torcedores por atos violentos em estádios no país. Esta matéria, de 1º de agosto e com o título “Baderneiros na mira”, foi ilustrada com uma das fotos (ver abaixo) mais impactantes entre as publicadas nos quatro jornais. Na imagem, um torcedor do Colo Colo, completamente ensanguentado, esfaqueia outro torcedor.



FIGURA 1: Facções do Colo Colo são alvo das autoridades.⁵

No período pesquisado, o *Lance!* foi o único jornal que falou diretamente sobre a violência das organizadas antes do assassinato do torcedor do Vasco. Apesar de o assunto central da reportagem ser sobre o Chile, é interessante perceber a postura crítica do veículo em relação ao Brasil. Veja parte da matéria abaixo:

Paulo Castilho, diretor do departamento de defesa do torcedor do Ministério do Esporte, reconheceu avanços trazidos pelo Estatuto do Torcedor no Brasil, mas admitiu necessidade de maior fiscalização em alguns pontos.

Castilho apontou a fiscalização dos laudos de segurança, instalação de juizados com capacidades ampliadas e a criação de divisões policiais especializadas no trabalho em praças esportivas como necessidades urgentes para que o torcedor brasileiro tenha mais segurança e conforto.

(...) Ele admitiu a necessidade de acelerar o Torcida Legal, que prevê compras de equipamentos de segurança e o cadastro das organizadas. O programa se arrasta há anos (*Lance!*, 01/08/2012)⁶.

Após a morte de Diego, o *Lance!* voltou a criticar a ineficiência das medidas que estavam sendo tomadas pelas autoridades. Em matéria publicada no dia 30 de agosto, com título “Um nó a desatar”, o jornal falou sobre o Núcleo de Combate e Prevenção às Ações de Organizadas no Rio, como sendo uma tentativa de acabar com um problema que parece não ter solução. Em seguida, afirma-se que medidas pra tentar acabar com a violência das torcidas estão se multiplicando, mas que as soluções estão longe de alcançar um efeito prático. O *Lance!* afirma que as suspensões das torcidas estão começando a se banalizar e que um dos problemas é que as sanções não estão sendo aplicadas individualmente, mas apenas nas torcidas coletivamente – o que permite que torcedores que realmente são violentos continuem a frequentar os estádios. O *Lance!* dá, ainda, exemplos de

⁵ Publicada pelo *Lance!* na matéria *Baderneiros na Mira*, 1º de agosto de 2012, caderno Futebol Internacional, p. 23.

⁶ *Baderneiros na Mira*, 1º de agosto, caderno Futebol Internacional, p. 23

medidas adotadas na Inglaterra e que são pouco utilizadas por juízes brasileiros (ou não são cumpridas), como a de obrigar os infratores a se apresentarem à polícia em horários de jogos.

Assim como no jornal *O Globo*, a matéria publicada pelo *Lance!* no dia 25 de julho, sobre a visita de torcedores organizados do Flamengo à sede do clube, também remeteu ao tema violência, embora o encontro tenha sido pacífico. Com título “E era para protestar...” e a frase “Foi muito mais fogo do que fumaça” abrindo a reportagem, o *Lance!* chegou a ironizar o fato de os torcedores terem deixado o clube com discurso de apoio ao time e ao diretor executivo de futebol, Zinho. Entretanto, diferente do *Globo*, que só utilizou declarações de Zinho, o *Lance!* também usou declarações de três torcedores, mesmo que sem identificá-los. Uma delas dizia: “A situação está muito incômoda. Queremos conversar para que o time consiga melhores resultados”. Outro torcedor declarou: “Não vieram os reforços que pretendíamos. Agora o novo treinador tem que saber investir na garotada. Os jogadores mais experientes, também, não estão indo bem, como o Renato e o Léo Moura. O Vagner Love tem um tempão que não faz gol. Queremos que eles se dediquem mais”. A declaração que finalizou a matéria, oferecida também por um torcedor, foi a seguinte: “Estamos aqui para apoiar o time e o trabalho do Zinho, um cara que foi formado nas divisões de base do clube. Queremos ajudar o time a sair deste momento difícil – mudou o tom um integrante da organizada”.

A única matéria do *Lance!* que não remeteu ao assunto violência – nem mesmo em declarações – foi publicada no dia 2 de agosto, sob título “Protesto aqui... E lá!”. A reportagem ressaltou a ironia e o bom humor dos torcedores, que levaram uma coroa de flores para a presidente do Flamengo, Patrícia Amorim. A matéria falou sobre o fato de a manifestação ter desagradado e causado a revolta de alguns dirigentes, mas em momento algum relacionou o protesto com possíveis atos de violência.

Após o assassinato de Diego Martins Leal por torcedores do Flamengo, o *Lance!* começou a publicar uma série de reportagens sobre o assunto. Além de relatar as medidas que estavam sendo tomadas e a ineficiência de algumas delas, o jornal também publicou outros casos de violência que vieram a acontecer subsequentemente. Por ser um jornal exclusivamente sobre esportes e com foco maior voltado ao futebol, *Lance!* dedicou mais tempo e espaço ao tema. No dia 21 de agosto, além de noticiar o enterro de Diego, o jornal também falou sobre sete torcedores que foram presos em Jacarepaguá e sobre um tumulto contido pela Polícia Militar no bairro do Méier.

No dia 27 no mesmo mês, a notícia foi a confusão no clássico entre Cruzeiro e Atlético Mineiro, em Belo Horizonte. Segundo o *Lance!*, apesar do forte esquema de segurança preparado pela Polícia Militar, ainda assim ocorreram incidentes. Sendo o mais grave deles um encontro entre motoqueiros torcedores do Atlético Mineiro e cerca de 50 cruzeirenses. Na ocasião, um dos motoqueiros efetuou um disparo, sem ferir ninguém, e acabou preso. Um dia depois, o jornal fez uma nova matéria sobre a morte de quatro torcedores em Goiás. A reportagem começa com as seguintes frases: “Parece Velho Oeste, mas é Goiás. Parece máfia, mas é facção”. Após a morte de um torcedor de 19 anos do Goiás, veio o revide. Um torcedor do Vila, sua namorada e o pai dela foram mortos. A matéria fala também sobre brigas ocorridas em Belo Horizonte e em Recife.

Essa sequência de matérias, que continuaram a surgir nas páginas do jornal no mês de setembro, dá a impressão de que uma verdadeira onda de violência está rodeando os estádios. Conflitos que acontecem semanalmente, sem serem noticiados, passam a ser publicados diariamente.

Ainda usando como gancho o confronto entre as torcidas do Vasco e do Flamengo, no dia 26 de agosto, o *Lance!* fez uma matéria de duas páginas sobre a La Doce, torcida organizada do Boca Juniors, da Argentina. Em entrevista ao jornalista argentino Gustavo Grabia, o jornal mostrou que a realidade das barras (como são conhecidas as organizadas) do país vizinho é bem mais difícil e complexa que a do Brasil. Perguntado sobre a semelhança entre o problema nos dois países, Grabia responde: “É bem diferente. Aqui (Brasil) há brigas de torcida contra torcida. Lá é interna, pelo poder das barras. Os barras atiram na porta do estádio, no meio da multidão”.

A matéria é um das mais completas entre todas as analisadas e o repórter do *Lance!* faz perguntas sobre a estrutura de poder de La Doce, as principais fontes de renda, o envolvimento da diretoria do Boca com os líderes da barra e como é possível uma organizada acumular tanto poder. Em resposta a esta última pergunta, o jornalista afirma o seguinte: “Na Argentina o Estado é fraco e deixa vazios de poder. La Dolce aproveita e ocupa alguns desses vazios”. Perguntado se esses vazios são locais onde o poder do Estado não chega, Grabia responde que no tradicional local de La Dolce dentro de *La Bombonera*, a polícia simplesmente não entra.

As torcidas organizadas do Brasil, ainda que sejam verdadeiras as suposições de associação de algumas delas com o crime organizado, não se comparam com as barras argentinas, especialmente com La Dolce.

Existe grande diferença na organização, no funcionamento e no poder das instituições.

Para começar, cada clube argentino tem apenas uma barra, e não várias, como aqui. Essa barra não tem personalidade jurídica, não tem estatuto, razão social, ou qualquer tipo de formalização. Assim, o líder da barra não tem mandato. Só perde o poder quando é preso, morto ou deposto por um líder rival de dentro da própria torcida.

Como a barra é única e a sua existência está à margem da lei, seus líderes ficam mais à vontade para praticar ações ilegais, inclusive crimes. Segundo o jornalista Gustavo Grabia, as barras, em geral, funcionam do mesmo jeito. Só mudam as dimensões da movimentação financeira, da violência, dos crimes e dos contatos políticos. Para o jornalista, La Dolce é maior em tudo.

Outro ponto importante é que as autoridades argentinas negociam, de modo até nada discreto, troca de favores com líderes das barras, algo que é impensável por aqui (...) (Lance!, 26/08/2012)⁷.

5.3. O DIA

Data	Títulos
5 de julho	Joel é homenageado por torcida organizada
6 de julho	Seedorf já chega com status de ídolo
15 de julho	Após renovar até 2013, Deco ganha bandeirão da torcida (box)
25 de julho	Apoio das organizadas (box)
31 de julho	O jeito agora é protestar
20 de agosto	Briga entre torcidas acaba em morte na Zona Norte
21 de agosto	Torcida pode ser suspensa por três anos
23 de agosto	Jovem do Vasco fora dos estádios (box)
25 de agosto	Rivalidade só no gramado
27 de agosto	Briga de torcida vale temporada em Bangu
28 de agosto	Polícia quer cortar ingresso grátis de torcedor violento
29 de agosto	Tropa de choque contra a violência entre torcidas
30 de agosto	Torcedor do Fla é suspeito de atirar em botafoguense
1º de setembro	Pressão alta no caldeirão
2 de setembro	Amor e ódio nos estádios
2 de setembro	O lazer que virou castigo
3 de setembro	‘É preciso um plano contra a violência das torcidas’

⁷ *‘Na Bombonera, polícia só entra onde La Doce deixa’*, 26 de agosto de 2012, Entrevista de Domingo, p. 28-29.

6 de setembro	Briga de torcidas é punida
18 de setembro	Torcida ergue o muro da vergonha
25 de setembro	Corintianos vão para cadeia no Rio
26 de setembro	Torcida fará apitação com 30 mil apitos (box)

Quadro 3. Títulos das notícias do jornal *O Dia*

Jornal com o segundo maior número de notícias sobre torcidas organizadas, *O Dia* publicou um total de 21 matérias no período pesquisado. Como será visto adiante, este foi o jornal que demonstrou a postura mais crítica e imparcial e em relação ao tema. Em algumas matérias, se percebe a preocupação em não colocar todos os torcedores organizados como criminosos e violentos, além de se abordar, mesmo que de forma breve, os motivos sociais e estruturais que contribuem para ações violentas dentro da sociedade. *O Dia* também foi o jornal que mais falou sobre o tema antes da morte do torcedor do Vasco, Diego Martins. De todas as matérias, cinco foram noticiadas antes do crime.

Destas cinco, três eram referentes a homenagens feitas pelas organizadas a jogadores e técnicos, e falavam sobre elas sem fazer nenhuma associação com o tema violência, mostrando um lado pouco explorado pela mídia, de simples torcedores apaixonados pelos seus clubes. A primeira matéria falava sobre uma placa e uma camisa que Joel Santana ganhou do presidente de uma das organizadas do Flamengo. No seu decorrer, Joel declarou: “É o reconhecimento da torcida. Isso me comove. Sempre fui bem recebido aqui e é a quinta vez”. A segunda era sobre a festa que as organizadas do Botafogo prepararam para receber o jogador Seedorf, com status de craque, que tinha acabado de ser contratado pelo clube. Um trecho da matéria dizia: “Integrantes da Fúria Jovem tiveram que correr contra o tempo para que a bandeira de quatro metros quadrados com o rosto do holandês ficasse pronta a tempo do desembarque e conseguiram. No fim da tarde de ontem, o diretor Leandro foi buscá-la em Duque de Caxias”. A terceira menção às organizadas era sobre um bandeirão que o Deco ganhou de torcedores organizados do Fluminense, depois que o jogador renovou seu contrato com o clube.

O Dia também falou da visita dos torcedores organizados do Flamengo a Zinho e do protesto contra Ronaldinho Gaúcho. Nestes dois casos, a preocupação com a violência foi mencionada. Entretanto, as matérias anteriores mostraram um lado mais “simpático” dos torcedores organizados. Mostraram que eles são pessoas apaixonadas pelos seus clubes

e que dedicam a ele boa parte de seu tempo. A declaração de Joel também mostra o quanto algumas atitudes desses torcedores podem fazer a diferença, positivamente.

Apesar de os fatos noticiados muitas vezes serem os mesmos que os dos demais jornais, *O Dia* procurou abordar alguns deles de forma mais explicativa. O jornal aprofundou mais determinados temas e tentou contextualizar os acontecimentos, além de ter feito várias matérias de página inteira e algumas de duas páginas.

Um exemplo é a matéria do dia 21 de agosto, que começa afirmando que o Ministério Público irá instaurar procedimento contra a torcida Jovem do Flamengo e que esta poderá ser suspensa por até três anos. Além de simplesmente noticiar o fato, a matéria se aprofunda no tema, trazendo informações como o número de suspensões (19) aplicadas por brigas desde a criação do Termo de Ajustamento de Conduta (TAC), em junho de 2011. *O Dia* também traz um box sobre punições anteriores sofridas por torcidas organizadas de cada um dos quatro grandes clubes cariocas, e outro falando sobre a facilidade que os torcedores violentos tem de continuarem a frequentar os estádios. Este box faz críticas diretas ao Ministério dos Esportes pelo não cumprimento de determinadas medidas.

Segundo o promotor Pedro Rubim, atualmente o termo de ajustamento só consegue conter, mas não proíbe os ‘brigões’ de entrarem nos estádios. “O Ministério dos Esportes se comprometeu a fazer cadastro geral dos torcedores e colocar catracas com identificação biométrica, mas não cumpriu sua parte”, revelou Rubim.

O Ministério dos Esportes informou que o projeto foi reformulado e que estão sendo feitas reuniões para sua implementação (*O Dia*, 21/08/2012)⁸.

Uma semana depois, em matéria publicada no dia 29 de agosto, o Ministério dos Esportes voltou a ser criticado pelos mesmos motivos. Desta vez, ele se defendeu das críticas. O diretor do departamento de Defesa dos Direitos do Torcedor, Paulo Castilho, afirmou que o Ministério dos Esportes nunca se comprometeu em fazer o cadastro e sim, facilitar a sua elaboração. “Em até seis meses vamos disponibilizar computadores e um programa para que cada estado faça o seu, com suas federações. Também não vamos instalar as catracas com identificação biométrica, esse projeto foi cancelado” completou.

Esta mesma matéria, que ocupou duas páginas do jornal, também fala sobre a criação do Núcleo de Apoio a Grandes Eventos de forma mais profunda que os outros jornais. Ela explica, detalhadamente, como o núcleo irá funcionar com o apoio de oito

⁸ *Torcida pode ser suspensa por três anos*, 21 de agosto de 2012, caderno Rio de Janeiro, p. 13.

delegacias especializadas, incluindo a Delegacia de Atendimento Especial ao Turista (Deat), que irá coordená-lo. O objetivo também é explicado: “reunir o máximo de informações possíveis sobre tudo que envolva a realização de grandes eventos, para que as autoridades possam combater qualquer tipo de crime ligado ao tema, da violência patrocinada por torcidas organizadas em jogos de futebol à pirataria (...)” (*O Dia*, 29/08/2012).

Assim como os outros quatro jornais, as fontes ouvidas pelo *O Dia* também foram, em sua grande maioria, representantes do poder e autoridades do país. A delegada Martha Rocha foi a que mais teve destaque, tendo sido utilizada como fonte em cinco matérias. Na reportagem citada acima, do dia 29 de agosto, a delegada foi a escolhida para uma entrevista “*ping-pong*”. Em umas de suas respostas, falou sobre o novo modelo de repressão às brigas entre torcidas organizadas: “Agora a orientação aos delegados é endurecer. E isso implica mudar uma cultura. Implica mostrar que não dá mais para algumas pessoas montarem um palco de guerra, na ida ou na volta de um estádio. O que desejo para o nosso povo é o mesmo que o torcedor deseja: paz”.

No dia 28 de agosto, o jornal publicou uma matéria sobre os ingressos que são doados a torcedores organizados, com o título “Polícia quer cortar ingressos grátis de torcedor violento”. Martha deu a seguinte declaração: “Se a torcida está envolvida em algum incidente criminoso é importante que os ingressos não cheguem até ela”. O comandante do Grupamento Especial de Policiamento em Estádios (Gepe), João Fiorentini, também foi ouvido e comemorou a criação do Núcleo de Apoio a Grandes Eventos. “Eles poderão autorizar escutas telefônicas para monitorar os líderes e saber o que combinam”, afirmou.

As páginas de *O Dia*, como de todos os outros jornais pesquisados, também serviram para mostrar à população as medidas que estavam sendo tomadas pelas autoridades, o que pode ser percebido em títulos como: “*Torcida pode ser suspensa por três anos*” (21 de agosto); “*Briga de torcida vale temporada em Bangu*” (27 de agosto); “*Tropa de choque contra a violência entre torcidas*” (29 de agosto); “*Briga de torcidas é punida*” (6 de setembro), e tantos outros. Entretanto, a diferença que se percebe é que *O Dia* não se limitou meramente a ser uma porta-voz das autoridades. Como já foi dito, o jornal fez críticas quando foi preciso, abordou os temas de forma mais profunda e tentou mostrar um lado mais humanizado dos torcedores, além de ter buscado perspectivas diferentes para falar sobre a violência das torcidas.

Um bom exemplo são as matérias publicadas no dia 2 de setembro, quando *O Dia* dedicou três páginas do jornal ao tema que está sendo analisado. Além de trazer informações que não foram abordadas pelos outros periódicos, a matéria traz um box sobre a primeira torcida organizada do Rio – a Charanga – e faz uma espécie de retrospecto da violência das torcidas organizadas, mostrando a evolução do problema com o passar de quatro décadas. Com tom saudosista, ex-integrantes de torcidas organizadas falam sobre como as coisas mudaram com o tempo. Manoel Cunha, fundador da Força Jovem do Vasco lembrou que, no passado, torcedores rivais saíam abraçados após os jogos, o que é praticamente inimaginável nos dias atuais. Além de ex-integrantes de organizadas, também foram entrevistados o comandante do Grupamento Especial de Policiamento em Estádio (Gepe) e um dirigente que preferiu não se identificar.

A reportagem também aborda o fato de, depois de o Gepe ter passado a escoltar os integrantes até os estádios, os conflitos terem começado a acontecer em locais mais distantes. Outra informação interessante, que não foi explorada por outros jornais, é a relação entre o fim dos bailes funks de corredor (conhecidos como “bailes de briga”), em 2000, e o aumento da agressividade entre torcidas. O jornal cita o livro “Kamikazes em nome da paixão” como fonte sobre o assunto. *O Dia* também afirma que a relação entre torcedores e policiais melhorou com o início da escolta e diz que outro ponto positivo é a diminuição da influência do tráfico nas organizadas. O comandante do Gepe, João Fiorentini, afirmou: “Tinha divisão por facções, mas o problema tem diminuído”.

No trecho abaixo, retirado de um box presente na reportagem, *O Dia* mostra uma posição mais imparcial em relação aos torcedores organizados, que muitas vezes são vistos como uma massa generalizada.

Para o psicólogo Raphael Zaremba, professor de Psicologia do Esporte da PUC-RJ, a maioria dos torcedores é pacífica, mas alguns jovens com inclinação para violência se sentem potentes quando estão em grupos. “Essas pessoas, quando aglomeradas, acabam provocando confusões em qualquer lugar, disseminando a violência”, diz. (*O Dia*, 02/09/2013)⁹.

A matéria, apesar de ser uma das mais originais e com abordagem mais diferenciada entre todas as analisadas, também teve seu ponto negativo. A declaração do fundador da Raça Rubro-Negra, Cláudio Cruz, que não vai a estádios há dez anos, pode ser considerada um tanto quanto sensacionalista e exagerada. Perguntado sobre o fato de ir a

⁹ *Amor e ódio nos estádios*, 2 de setembro de 2012, caderno Rio de Janeiro, p. 15.

jogos, ele responde: “Pra quê? Levar tiro? Facada? Bomba? Paulada”. Esse tipo de declaração gera a sensação de que ir aos jogos é uma decisão praticamente insana de tão perigosa. Por isso, frases como essa devem ser utilizadas com muita cautela, pois podem fazer com que o leitor tenha a sensação de que o problema é maior do que realmente é.

Ainda no dia 2 de setembro, uma segunda reportagem ocupou a terceira página que *O Dia* dedicou à violência das torcidas. Esta matéria trazia as histórias de dois menores de idade, de 15 e 17 anos, que foram detidos acusados de fazerem parte de um grupo de mais 20 torcedores do Fluminense que agrediram vascaínos em uma estação de trem. Os dois foram internados durante três dias em um instituto para menores infratores. Em relação a este caso, essa é a única matéria que ouve o lado dos torcedores, que afirmavam ser inocentes e vítimas de um mal entendido. Sem terem os seus nomes publicados e identificados como “A” e “J”, os dois afirmaram que estavam no lugar errado, na hora errada.

‘Nós pegamos o trem em Realengo e nos sentamos em um vagão, que foi enchendo. Em Deodoro (três estações depois, em direção á Central), um grupo de rapazes entrou. Uns cinco ou seis estavam com camisa da torcida organizada Young Flu e os demais com camisa comum do clube. Começaram a cantar músicas de torcida, fazendo algazarra. Um deles viu os dois vascaínos no vagão’, contou J. Segundo A., os vascaínos foram cercados por três ou quatro rapazes fortes, da Young Flu. ‘Gritavam para que tirassem a camisa do Vasco e começaram a pegar os pertences dos dois. Os vascaínos reagiram e a pancadaria começou’, descreveu A. J. revelou que já havia outros torcedores do Fluminense no vagão, antes da entrada do grupo da Young Flu. ‘Quando aqueles três ou quatro começaram a bater nos vascaínos, outros tricolores que já estavam no vagão, e até mesmo alguns dos que acompanhavam o grupo da Young Flu, tentaram apartar a briga, mas os rapazes eram muito fortes’, lembrou J. Ele o amigo A contam que se levantam e ficaram em pé no outro lado do vagão, tentando escapar da confusão (*O Dia*, 02/09/2013)¹⁰.

Os pais dos adolescentes também foram ouvidos pela repórter que fez a matéria e defenderam que a polícia está certa em tomar medidas mais duras contra os torcedores violentos, mas precisam encontrar mecanismo para separá-los daqueles que não cometem delitos, evitando que injustiças sejam cometidas. Veja abaixo a foto de J. e sua mãe.

Este caso dos torcedores do Fluminense, em particular, teve bastante destaque na mídia e os torcedores foram colocados como verdadeiros bárbaros, capazes de crimes inacreditáveis. Os policiais que fizeram a prisão em flagrante foram muito elogiados e a

¹⁰ *O lazer que virou castigo*, 2 de setembro de 2012, caderno Rio de Janeiro, p.16.

promessa de fim da impunidade foi repetida algumas vezes. O próprio *O Dia* publicou o fato de os torcedores terem sido levados para o Bangu 1 em uma capa repleta de deboche e ironia (ver abaixo). Entretanto, este tipo de matéria, que dá voz aos torcedores (ainda que apenas os menores de idade tenham sido ouvidos), já é um passo para um jornalismo mais justo, que ouve os dois lados de uma notícia. *O Dia* se destacou por mostrar um lado mais humanizado dos torcedores e evitar o tipo de julgamento que faz com que todos os torcedores sejam visto como vândalos.



FIGURA 2: À esquerda, capa com torcedores do Fluminense levados ao Bangu 1¹¹.

FIGURA 3: À direita, Maria Aparecida Lira, mãe de J¹².

Apesar de não ter aprofundado muito o tema, *O Dia* também foi o único jornal que procurou falar sobre as condições sociais, políticas e econômicas que geram a violência. Esse tipo de abordagem mostra que pequenas mudanças podem evitar atos violentos por parte dos torcedores e evitar que tragédias e crimes aconteçam, além de mostrar quem existem vários responsáveis pela propagação da violência. Em entrevista oferecida ao jornal no dia 3 de setembro, o sociólogo Maurício Murad, autor do livro “Para entender a violência no futebol”, afirmou que melhorias nos transportes e também na iluminação, limpeza, organização e segurança de estádios ajudariam a reduzir brigas entre torcidas. Para Murad, ações pontuais de repressão da polícia estimulam a agressividade e é preciso pensar em outras formas de prevenção. Veja as respostas do sociólogo abaixo:

– **Qual a razão das brigas entre torcidas?**

– Casos mais graves de violência começaram a ocorrer a partir de 1986 e se intensificaram de lá para cá, quando aumentaram as mortes. A

¹¹ Publicada pelo *O dia*, 29 de agosto de 2012, capa.

¹² Publicada pelo *O dia* na matéria *O lazer que virou castigo*, 2 de setembro de 2012, caderno Rio de Janeiro, p. 16.

violência tem muitas causas, entre elas as precárias condições de transporte e iluminação em volta dos estádios, a infiltração do chamado crime organizado nas torcidas, o despreparo das polícias e, sobretudo, a impunidade, que é estrutural e histórica no país.

– **O que o Sr. acha da doação de ingressos para torcidas organizadas?**

– A prática tem que acabar. Virou moeda de troca, favorece atos ilícitos entre setores das torcidas e cambistas, policiais, funcionários de clubes e de federações e até dirigentes.

– **Como prevenir este tipo de violência?**

– A repressão policial desmedida e despreparada e a punição que generaliza e criminaliza o coletivo são elementos que acentuam as múltiplas causas da violência entre torcidas. É preciso um plano estratégico consistente que contemple a repressão, no curto prazo, a prevenção, no médio prazo, e a reeducação, no longo prazo (*O Dia*, 03/09/2013)¹³.

5.4. MEIA HORA

Data	Títulos
3 de julho	Leão Manso (Notinha)
5 de julho	Torcida faz homenagem ao treinador
25 de julho	Protestos no Ninho do Urubu e na Gávea (box)
1 de agosto	Nada contra a Nação
19 de agosto	Protesto antes do embarque
20 de agosto	Torcedor é morto em briga antes da partida
21 de agosto	Punição à vista
25 de agosto	Brigões vão ficar fora dos estádios
27 de agosto	Brigões vão para o Bangu 1
28 de agosto	Polícia quer impedir doação de ingressos
29 de agosto	Torcida Jovem tá fora
30 de agosto	Violência fez mais uma vítima
31 de agosto	Torcida faz protesto (Box)
1º de setembro	Sai, barril de pólvora!
3 de setembro	De olho nas organizadas
25 de setembro	Corintianos na tranca

Quadro 4. Títulos das notícias do jornal *Meia Hora*

¹³ É preciso um plano contra a violência, 3 de setembro de 2012, caderno Informe do Dia, p. 8.

Ao todo, o *Meia Hora* publicou 16 notícias sobre torcidas organizadas no período pesquisado. Entretanto, o fato de o jornal pertencer ao grupo O Dia de Comunicação faz com que muitas de suas matérias sejam parecidas com as do jornal *O Dia*. Algumas delas chegam a ser praticamente iguais, com apenas poucas palavras modificadas e, algumas vezes, com suas ordens alteradas. Entre as 16 notícias sobre torcidas organizadas publicadas pelo *Meia Hora*, apenas 6 não foram versões modificadas das que saíram no jornal *O Dia*.

Pode-se perceber, porém, algumas diferenças entre os dois jornais. A principal delas é que as matérias do *Meia Hora* foram menores e mais resumidas, sendo menos profundas. Se *O Dia* teve como um de seus pontos positivos o fato de ter publicado diversas matérias longas, incluindo algumas de duas páginas, o *Meia Hora* não seguiu o mesmo padrão. Outra diferença entre as notícias publicadas pelos dois foi que o *Meia Hora*, talvez por ter dedicado menos espaço ao assunto, não teve a mesma postura crítica que *O Dia* demonstrou em algumas matérias e se resumiu a abordar os assuntos de forma superficial.

De todas as notícias publicadas, cinco delas foram veiculadas antes do assassinato do torcedor vascaíno. Destas cinco, duas falavam do apoio de torcedores organizados do Flamengo ao técnico Joel Santana, sem remeter de nenhuma forma ao tema violência. A primeira delas foi uma nota que saiu na editoria de esportes:

Membros da Urubu Guerreiro, uma das torcidas organizadas do Flamengo, vão amanhã cedo ao Ninho do Urubu dar apoio a Joel Santana. Para eles, o treinador merece respeito por já ter livrado o clube do rebaixamento e ter sido campeão (*Meia Hora*, 03/07/2013)¹⁴.

A terceira e a quarta notícia também foram sobre torcedores flamenguistas, mas desta vez houve associação com a violência. Uma delas foi sobre a amplamente divulgada visita dos torcedores a Zinho, em que a abordagem do *Meia Hora* foi semelhante a de todos os outros jornais. A outra foi sobre o protesto que os torcedores preparavam contra o ex-jogador do clube Ronaldinho Gaúcho. A quinta notícia sobre torcedores organizados foi sobre a insatisfação de botafoguenses com o desempenho do time, e mostrou um pouco do humor e da criatividade desses torcedores.

¹⁴ Box *Leão Manso*, 3 de julho de 2012, caderno Esportes, p. 14.

Inconformado com a irregularidade do Botafogo na temporada, um grupo de torcedores fez um protesto ontem, no Engenhão, antes do embarque do time para Belo Horizonte.

“Vitor Jr. Próxima rave, chame a Botachopp. Adoramos bebedeiras”, dizia o cartaz de uma torcida organizada do Alvinegro, em alusão ao processo que o meia responde na justiça por incomodar vizinhos com festas em sua casa.

O zagueiro Fabio Ferreira e o gerente de futebol Anderson Barros também foram alvos de críticas na manifestação (*Meia Hora*, 19/08/2013)¹⁵.

Apenas o *Meia Hora* e o *Lance!* colocaram a notícia da morte de Diego em suas capas. Enquanto o *Lance!* deu ênfase à vitória do Flamengo e colocou uma pequena manchete com o título “briga entre torcidas deixa um vascaíno morto”, o *Meia Hora* deu um destaque maior ao crime. O fato foi estampado na capa do jornal, com a seguinte chamada: “Torcedor do Vasco é executado a tiros por rubro-negros” (ver imagem abaixo).



FIGURA 4: Capa com notícia da morte do torcedor vascaíno¹⁶.

Há também um tom mais irônico e humorístico no *Meia Hora*, que virou uma das principais marcas da publicação. O humor, entretanto, foi pouco percebido ao longo das matérias analisadas e pôde-se perceber que ele é usado com cautela – não apenas quando são abordados assuntos mais sérios como a morte de um torcedor, mas também em notícias comuns do dia a dia. Contudo, outra marca registrada do jornal pôde ser notada nas notícias sobre as torcidas organizadas: o sensacionalismo. Fica claro que esta característica

¹⁵ Box *Protesto antes do embarque*, 19 de agosto de 2012, caderno Esportes, p. 26.

¹⁶ Publicada pelo *Meia Hora*, 20 de agosto de 2012, capa.

da publicação, que trabalha com uma lógica de espetacularização dos acontecimentos, é usada como meio de atrair os leitores. A coluna Balanço Geral, de Wagner Montes, publicada no dia 3 de setembro, é um exemplo do uso dessa estratégia:

A violência entre as torcidas organizadas tem me preocupado muito. A PM reforçou o patrulhamento no entorno dos estádios e as brigas migraram para outros bairros. Essas agressões estão se tornando muito frequentes e casa vez mais graves: este ano, dois torcedores foram assassinados! O Ministério Público não dá mole pra Kojak e já proibiu as torcidas Jovem Fla e Força Jovem Vasco de frequentar os estádios por 6 meses.

A bola da vez é a Young Flu. Semana passada, 21 torcedores foram presos por agredir dois vascaínos. Esses bandidos se associam às organizadas para se misturar à multidão e cometer crimes. Mas a poliçada tá de olho vai identificar os brigões. Policiais de oito delegacias especializadas vão combater a violência entre torcidas. Também foi criada uma seção do Disque-Denúncia (...).

É fundamental identificar esses criminosos e proibir a entrada deles nos estádios. Se você tiver qualquer informação sobre esses crimes, denuncie. Não deixe esses vagabundos soltos por aí. Futebol é para torcer, não para brigar.

Tá falado! (*Meia Hora*, 03/09/2013)¹⁷.

O autor fez um apanhado das matérias publicadas ao longo do mês anterior e usou gírias e palavras populares em uma possível tentativa de aproximação com o público. Wagner Montes também usa palavras como “criminosos” e “bandidos”, reforça a necessidade de punição aos torcedores e apoia ação dos policiais.

Assim como os outros jornais, o *Meia Hora* também usou suas páginas para transmitir à população os recados de algumas autoridades e para mostrar as medidas que estavam sendo tomadas por elas. Em relação às fontes, as mais ouvidas (cada uma quatro vezes) foram a delegada Martha Rocha e o promotor de justiça da Tutela Coletiva do Consumidor e Contribuinte Pedro Rubim.

Declarações de torcedores foram usadas apenas nas quatro oportunidades listadas abaixo.

Não houve violência, mas quando o presidente de uma das facções foi declarar o apoio ao time, alguns integrantes mostraram truculência na hora de passar pela imprensa para ouvir o pronunciamento:

“Se não saírem da frente, empurra”, disse um deles. (*Meia Hora*, 25/07/2013)¹⁸.

¹⁷ *De olho nas organizadas*, 3 de setembro de 2012, coluna Balanço Geral, p.13.

¹⁸ *Box Protestos no Ninho do Urubu e na Gávea*, 25 de julho, caderno Esportes, p. 16.

Segundo homens da 3º BPM (Méier), a confusão começou quando cerca de 60 torcedores que vinham da cidade do Sul Fluminense pararam no posto e começaram a quebrar um Zafira com três fãs do Vasco dentro. “Foram momentos de desespero. Só tive tempo de tirar a camisa do Vasco e correr para o banheiro. Uma mulher com uma criança no colo também fugiu chorando. Destruíram meu carro”, disse uma das vítimas, na 44ª DP (Inhaúma) (*Meia Hora*, 20/08/2013)¹⁹.

Os torcedores presos também vão sofrer punições mais duras da própria Young Flu. Pelo menos é o que garante o vice-presidente social da organizada, Flávio Martins, o Frajola. Para ele, a atitude dos brigões não reflete o pensamento da torcida e os punidos serão expulsos. “Amanhã (hoje) vamos nos reunir e apurar o caso. Temos que identificar quem é associado à torcida. Quem estiver envolvido será expulso”, avisou Frajola (*Meia Hora*, 27/08/2013)²⁰.

“Ou as explicações e providências do que aqui apresentamos serão tomadas ou o barulho das arquibancadas contra você (presidente Roberto Dinamite) e sua diretoria será ensurdecido”, ameaçou o grupo (*Meia Hora*, 31/08/2013)²¹.

A primeira delas foi publicada na matéria sobre a visita de torcedores organizados a Zinho, no Flamengo. A segunda foi publicada um dia após a morte de Diego, e uma dos torcedores que estavam no local relatam os momentos de tensão. A terceira é uma declaração dada pelo vice-presidente da Young Flu sobre os 21 torcedores que foram presos acusados de agredir dois vascaínos. A quarta é uma declaração retirada de uma carta feita pela Associação das Torcidas Organizadas do Vasco (Astovas) em crítica à atuação a diretoria cruzmaltina.

Enquanto este último exemplo expõem um lado ameaçador das organizadas, o que se percebe claramente é que as três primeiras declarações apenas reforçam o que está sendo dito pelas autoridades e a ideia que elas desejam transmitir a população. Ou seja, mesmo quando são ouvidos, suas declarações por vezes são usadas para criar uma imagem negativa deles próprios.

¹⁹ *Torcedor é morto em briga antes da partida*, 20 de agosto de 2012, caderno Polícia, p. 7.

²⁰ *Brigões vão para Bangu 1*, 27 de agosto de 2012, caderno Polícia, p. 4.

²¹ *Box Torcida faz protesto*, 31 de agosto de 2012, caderno Esportes, p. 22.

6. CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE MAIS USADOS

Ao selecionar os fatos que irão se tornar notícias, o jornalismo exerce um papel de extrema importância para a sociedade. Quando isso é feito, é dito à população o que deve ou não ser de conhecimento geral. São os critérios de noticiabilidade – que são influenciados por fatores diversos, como os culturais, econômicos e ideológicos – que ajudam a avaliar as qualidades que fazem com que esse fato ou acontecimento seja elevado à categoria de notícia.

Esses critérios são os mais variados possíveis e podem ser, entre outros: proximidade, marco geográfico, impacto, proeminência, aventura/conflito, consequências, humor, raridade, progresso, sexo e idade, interesse pessoal, interesse humano, importância, rivalidade, utilidade, política editorial (do veículo de comunicação), oportunidade, dinheiro, expectativa/suspense, originalidade, culto de heróis, descobertas/ invenções, repercussão e confidências (ERBOLATO, 2004).

Nelson Traquina, baseando-se em estudos de diversos teóricos, também ressalta a existência de várias características que tornam alguns fatos mais noticiáveis que outros. De acordo com Traquina, os valores-notícia podem ser de construção ou de seleção. Os valores de seleção norteiam a decisão da escolha de um acontecimento como candidato à transformação em notícia. Para que essa seleção seja feita, é utilizado o critério substantivo, que é baseado na importância ou no interesse daquele fato como notícia.

Alguns dos critérios substantivos são: morte, proximidade, relevância, novidade, tempo, notabilidade, inversão (de normas, por exemplo), o insólito (fatos bizarros e inusitados), falhas que geram acidentes, excesso ou escassez, o inesperado, conflito e infração (crime como notícia).

Para Mauro Wolf (1985: 178 – 182), a significância constitui a base de critérios substantivos articulados em torno da *importância* e do *interesse* da notícia, categorias que apresenta como dicotômica. A *importância* enfatiza a dimensão coletiva do acontecimento e Wolf destaca como variáveis: 1) o grau e o nível hierárquico dos indivíduos nele envolvidos; 2) o impacto sobre a nação e o interesse nacional; 3) a quantidade de pessoas envolvidas (de fato ou potencialmente); 4) a relevância do acontecimento quando à evolução de uma determinada situação (PONTE, 2005, p. 200).

Apesar da clara existência de um grupo de características que se repetem ao longo da história, os valores que transformam algo em notícia variam de acordo com a cultura, a economia, o sistema político e as demais características de cada região (Traquina, 2002).

Elas também variam de um veículo para o outro, mas há um núcleo básico de valores que podem ser identificados em veículos semelhantes.

Como foi observado no capítulo anterior, a morte foi um critério de noticiabilidade de grande peso para todos os jornais impressos que analisados. O uso e a relevância desse critério ficaram ainda mais claros e puderam ser comprovados quando o assunto foram as torcidas organizadas. O número de notícias sobre o tema aumentou consideravelmente quando uma briga entre torcidas teve a morte como consequência. Antes disso, as organizadas foram citadas apenas em matérias sobre protestos contra a má atuação dos times aos quais são “associadas”. Este fato tem grande interferência em relação à imagem que a sociedade constrói.

Dois outros critérios que foram muito utilizados pelos quatro jornais pesquisados foram os de complementariedade e continuidade. Estes são critérios clássicos de noticiabilidade citados por Galtung e Ruge, em estudo realizado nos anos 60 (PONTE, 2005).

A continuidade aponta para um sentido de conservação pelo qual algo que se instalou como notícia tende a permanecer em agenda ainda que perdendo amplitude. Por seu lado, a complementariedade estimula diversidade e equilíbrio no conjunto perceptivo, capazes de mobilizar o leitor não o saturando, mas garantindo a sua atenção pela variedade de “paisagens informativas” (PONTE, 2005, Pág 200).

Após a morte de Diego, uma série de fatos que dava continuidade ao tema começou a ser noticiada. Alguns exemplos foram as prisões dos envolvidos; a punição da torcida organizada Jovem Fla, da qual os responsáveis pelo assassinato faziam parte; a tentativa da polícia de impedir a doação de ingresso para torcedores organizados e diversas outras medidas tomadas pelas autoridades. O crime também abriu espaço para que outros conflitos entre torcedores começassem a ser publicados pelos jornais, como o caso dos 23 tricolores que foram presos por agredir dois vascaínos em um trem.

Além desses critérios que puderam ser notados com mais clareza, diversos outros também foram utilizados. Alguns exemplos são os de proximidade, marco geográfico e importância. Os dois primeiros critérios ficam claros quando se percebe que a grande maioria dos casos relatados pelos jornais se passou no Rio de Janeiro. Casos ocorridos em outros lugares foram citados apenas de forma breve. A exceção é a matéria do *Lance!* sobre as organizadas argentinas, que mostrou que a situação no país vizinho é ainda mais complicada que a brasileira. Também pode-se dizer que o critério de importância foi

utilizado pelo fato de o futebol, além de ser o esporte que mais mexe com as paixões dos brasileiros, possuir uma forte influência econômica, sendo sempre considerado como um assunto relevante. O debate sobre conflitos entre organizadas e a insegurança nos estádios se torna ainda mais importante pelo país estar às vésperas de eventos como a Copa do Mundo e as Olimpíadas.

7. EM QUE OS JORNAIS CONVERGEM

Além dos critérios de noticiabilidade usados, foram notadas outras semelhanças entre as coberturas feitas pelos jornais *O Globo*, *O Dia*, *Lance!* e *Meia Hora*. A primeira e mais evidente foi o aumento do interesse em relação às torcidas organizadas depois da morte de Diego (veja o quadro abaixo) e a segunda foi o uso dos jornais como meio de mostrar à sociedade as medidas que as autoridades estavam tomando para tentar contornar os problemas e evitar conflitos futuros.

	<i>O Globo</i>	<i>Lance!</i>	<i>O Dia</i>	<i>Meia Hora</i>
Julho	1 (7,14%)	2 (8,69%)	5 (23,80%)	3 (18,75%)
Agosto	8 (57,14%)	11 (47,82%)	8 (38,09%)	10 (62,5%)
Setembro	5 (35,71%)	10 (43,47%)	8 (38,09%)	3 (18,75%)
Total	14 (100%)	23 (100%)	21 (100%)	16 (100%)

Quadro 5. Número de notícias publicadas por mês em cada jornal pesquisado

Outra semelhança foram os atores ouvidos pela imprensa. Todos os jornais priorizaram fontes que fossem autoridades e representantes institucionais da justiça no país, como policiais, delegados e juízes. Os torcedores organizados raramente foram usados como fontes, mesmo quando eram eles os protagonistas dos fatos noticiosos. Desta forma, se o relato jornalístico tem como pressuposto ser plural e democrático, além de ser o espaço compartilhado para o qual os diferentes sujeitos sociais projetam seus discursos, o seu papel não está sendo cumprido. Em síntese, na quase totalidade dos textos, faltou a palavra dos sujeitos principais.

Uma visão negativa em relação às torcidas organizadas também predominou em todos os jornais analisados, o que certamente tem influência na imagem que a sociedade cria em relação aos mesmos. Essa é uma questão com a qual se deve tomar muito cuidado, pois pode trazer algumas consequências. “O discurso contribui para construir as relações

sociais entre as pessoas e para a construção de sistemas de conhecimento e crença (FAIRCLOGUH, 2008). Ou seja, a prática discursiva contribui para reproduzir a sociedade e suas identidades e práticas sociais, mas também contribui para transformá-la.

Em entrevista publicada no site Fox Sports, em março de 2013, o pesquisador da Unicamp Felipe Lopes, que estuda políticas públicas de segurança voltadas à prevenção da violência no futebol, falou sobre a influência que a mídia pode exercer sobre os atos de violência dos torcedores.

A partir de 66, na Copa da Inglaterra, os grandes jornais ingleses começam a mandar repórter não só para cobrir o que acontecia dentro de campo, mas também nas arquibancadas. Quando você manda um repórter para cobrir a violência nas arquibancadas, tudo isso ganha visibilidade. Essa grande visibilidade junto com o tratamento sensacionalista que recebia, acabou servindo para uma construção discursiva dos estádios como um lugar ocupado só por vândalos, bandidos. Isso contribui para chamar pessoas a fim de brigar para esses lugares. Outro dia eu vi na mídia brasileira algo que não acontece mais na Inglaterra: um ranking de torcidas que mais matam. Isso serve como um troféu para esses pequenos grupos que se envolvem em ações violentas e também como dispositivo de vingança. As soluções passam por todos os setores, dada a complexidade do problema (LOPES, 22/03/2013)²².

Nos jornais analisados ao longo deste estudo, muito raramente foram abordadas as questões sociais e institucionais que levam esses torcedores organizados a cometerem delitos como a morte de Diego Martins. As torcidas organizadas, nos dias atuais, têm um papel político e contestador, que vai além dos espetáculos oferecidos nas arquibancadas, mas a mídia impressa, que é o foco deste trabalho, reproduz, sobretudo, a imagem do torcedor violento, desonesto e mau cidadão.

Em matéria escrita pela jornalista Lilia Diniz e publicada no site *Observatório da Imprensa*, o também jornalista Xico Sá afirma que o comportamento da torcida e dos jogadores é um reflexo da sociedade em que elas estão inseridas. Os jornais pesquisados deixaram a desejar em relação a este tipo de análise.

“Eu acho que o futebol é apenas uma parte da sociedade brasileira, com o espetáculo dentro da sociedade. Agora vivemos no estado de São Paulo um estado de guerra, de mortes diárias, assassinatos. Você não vai querer que isso reflita no ânimo da população nos estádios? As coisas estão muito ligadas. Não dá para ver o futebol apenas como espetáculo de 11

²² Trecho retirado do site Fox Sports, em matéria publicada no dia 22 de março de 2013. Link: <http://www.foxsports.com.br/noticias/93123-a-culpa-da-violencia-nao-e-so-das-torcidas-organizadas-diz-pesquisador>

homens contra 11 homens, uma bola no meio e a torcida. Não, isso é o espetáculo da sociedade brasileira” (SÁ, 06/03/2013)²³.

Nesta mesma matéria, o sociólogo Mauricio Murad deu a seguinte declaração: “A violência do público ou de parte deste público tem que ser entendida dentro da violência que a precede, que é a violência pública, a violência histórica, cultural, política. E, infelizmente, nós temos um país com um lastro de violência muito intenso”. Murad também falou sobre o papel e a influência da mídia no espetáculo de massa, onde uma manchete mal elaborada inflama ainda mais um clima de tensão (Diniz, 2013). “A mídia tem feito ‘showrnalismo’, espetacularização, sensacionalismo barato, que é uma forma de coproduzir o hooliganismo, a delinquência dentro das torcidas”, disse o sociólogo.

É importante entender que o futebol, assim como as torcidas organizadas, pode ser visto como metáfora da sociedade em que ele está inserido. O que dentro das torcidas é uma síntese de determinações culturais, sociais e históricas.

E o futebol, na qualidade de esporte que é, com suas características de competição, de vitória e derrota, com suas lógicas e contradições e como um evento coletivo de larga e profunda repercussão, demonstra e exercita a sociedade na qual está inserido.

Como forte elemento da vida coletiva, finca suas raízes nos modos de ser, pensar e agir, nos valores das identidades do lugar. Como instituição social, organiza-se a parti dessas redes simbólicas e, devido a seu alcance e representação, transforma-se em síntese de uma determinada cultura e via de acesso à compreensão de seus fundamentos e de sua história (MURAD, 2007, p. 18).

O que também pôde ser notado é que, no que diz respeito à violência, os próprios jornalistas carregam em seus discursos uma carga dela. A imprensa espetaculariza temas que deveriam ser tratados com mais seriedade quando usam expressões sensacionalistas como “guerra”, “batalha”, “vingança”, “facção” e tantos outros.

Essa relação se dá, fundamentalmente, naquilo que é considerado jornalismo esportivo de “bancada”, em que muitos jornalistas – ou pseudo-jornalistas – jogam de forma despropositada suas opiniões, sem a mínima responsabilidade sobre os efeitos que podem causar. Assim, estabelecem-se as relações de excesso por parte da imprensa, que poderá acarretar em excessos no espetáculo esportivo, uma vez que os diversos

²³ Trecho retirado do site Observatório da Imprensa, em matéria publicada no dia 6 de março de 2013. Link: http://www.observatoriodaimpresa.com.br/news/view/midia_tolera_a_violencia_nos_estadios

atores envolvidos são conduzidos a agir e reagir de tais formas (MELIM, 2009, p.2).

Como já foi dito, antes da morte do torcedor Diego Martins, as torcidas organizadas foram notícia em pouquíssimas matérias. Os torcedores organizados só apareciam nos noticiários quando estavam protestando por resultados melhores de seus times ou quando estavam apoiando algum técnico ou jogador.

Depois da morte, diversas notícias sobre a violência das torcidas organizadas começaram a ser feitas. Não apenas em relação ao assassinato de Diego, mas também começaram a ser noticiadas outras brigas durante os jogos, as medidas que as autoridades estavam tomando para evitar novos problemas e as medidas que tinham sido tomadas para punir atos de violência que já haviam acontecido. O que se percebe é que os jornais tem a função clara de transmitir à população o que autoridades como delegados de polícia ou promotores de justiça querem que seja dito. Fica explícito que o governo e os seus representantes agem para a mídia, e fazem uso dela em benefício próprio. Isso acontece pelo fato de a mídia ter um poder de influência enorme sobre a forma como a sociedade enxerga o mundo. É como se sempre existisse uma relação maniqueísta entre os fatos que são noticiados.

O discurso dos jornais impressos, portanto, priorizou a necessidade de punição dos torcedores e clamou por medidas policiais e judiciárias contra eles. Também foram discutidas a necessidade de leis e punições mais rigorosas, e até mesmo do fim das torcidas organizadas, que foram imediatamente identificadas como responsáveis. O que chama atenção é que as “autoridades” que deveriam oferecer essas soluções de segurança não foram devidamente responsabilizadas pelos jornais. Houve poucas denúncias da estrutura ineficiente dos estádios brasileiros, que impedem que as tão necessárias punições sejam feitas. Os jornais também não questionaram claramente o porquê de determinadas medidas não terem sido tomadas antes do crime acontecer. De fato, o papel de vilão parece ter sido oferecido exclusivamente aos torcedores.

É importante ter claro que boa parte da violência está dentro das organizadas, porém, simplificar o fenômeno com a ideia reducionista de que todo torcedor organizado é violento e vagabundo, além de negar a realidade, desqualifica a função social que exerce – ou pelo menos deve exercer – o jornalismo, seja ele esportivo ou não. A grande imprensa, ao marginalizar as torcidas organizadas, limita o direito à informação por parte da sociedade (MELIM, 2009, p. 3).

É claro que medidas policiais são necessárias a curto prazo e devem ser tomadas para punir aqueles que cometeram determinados crimes, mas elas, por si só, não resolvem o problema. A violência entre as torcidas organizadas tem uma relação direta com a estrutura social brasileira. A grande maioria dos torcedores organizados são jovens que não possuem perspectivas de ascensão social e que vivem em uma sociedade desigual e com baixos níveis de escolarização. Outros fatores como a ineficiência do Estado na segurança pública, na saúde e na educação foram mencionadas em pouquíssimas oportunidades pelos jornais. Ou seja, existem grandes problemas por trás desse tipo de violência que precisam ser discutidos com urgência e que são simplesmente ignorados.

Quando os vínculos sociais entre as pessoas se rompem, quando “as instituições entram em crise” e o “tecido social se esgarça”, como dizem os sociólogos, cria-se um vácuo social que é ocupado pelas torcidas uniformizadas, pelas gangues de rua, ou pelas “igrejas” que se abrem a cada esquina... A conhecida metáfora do “barril de pólvora” cabe perfeitamente aqui: se a violência não explodir no estádio, vai explodir em outro lugar. Estes jovens torcedores “uniformizados” não são miseráveis no sentido material; em geral têm família, muitos trabalham. São todavia os desesperançados, são os deserdados da nossa sociedade, e só lhes resta o imaginário (BETTI, 1996, p. 222)

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As conclusões mostram que, além de procurar cumprir a sua função informativa, o papel da mídia também se dá em outro plano. Se configura um sistema de valores. Esse estudo aponta, sobretudo, para o papel da mídia no fortalecimento da visão negativa e incriminadora das torcidas organizadas. A imprensa tem a capacidade de conferir uma dimensão social aos acontecimentos e de ampliar a percepção que os espectadores têm do mundo. Entretanto, este fenômeno é, no mínimo, perigoso. A sensação de que a realidade se resume ao que está estampado nas capas dos jornais pode passar, muitas vezes, a impressão errada (ou unilateral) sobre algo.

As matérias, de forma geral, projetam a ideia de que os torcedores organizados geram uma desordem incontrolável e um caos social irremediável, em confronto com um poder público fraco e não suficientemente repressivos. A noção de agressividade também foi tratada de forma impessoal, generalizante e descontextualizada, dando a impressão de que esses torcedores possuem uma maldade inata. As causas que fazem com que esses sujeitos tenham atitudes violentas não parece ter sido vista como um fator jornalístico e raramente foram questionadas e debatidas em profundidade. Os jornais impressos deixam a desejar quando se espera deles que seja feita uma reflexão mais crítica sobre a complexidade e o contexto em que crimes como a morte de Diego ocorrem.

Fatores como a baixa eficiência do Estado na segurança pública e em setores como a saúde e a educação foram mencionados em poucas oportunidades e, na maior parte delas, de forma breve e superficial. Também poderia ter sido discutido se existe algum tipo de relação entre a violência e o fato de a maioria dos torcedores organizados serem jovens com baixas perspectivas de ascensão social, vivendo em uma sociedade extremamente desigual. É importante sim ter claro que há violência dentro das torcidas organizadas, mas generalizar esse fenômeno como se todos os torcedores organizados fossem violentos desqualifica a função do jornalismo e limita os leitores ao direito de informação.

A repetição exaustiva de notícias sobre a violência das torcidas organizadas ou sobre qualquer outro assunto que tenha sido considerado de impacto também pode gerar uma certa banalização do fato. Isso pode fazer com que as pessoas se cansem do assunto e passem a considerá-lo “normal”, além de muitas vezes gerar a impressão de que o problema é maior do que ele realmente é. Quem não tem o hábito de frequentar os estádios do Rio de Janeiro e acompanhou as notícias sobre a violência das torcidas organizadas nos

meses de julho, agosto e setembro de 2012 certamente teve a impressão de que seria uma atitude de grande irresponsabilidade ir assistir a um jogo. A publicação de outras brigas após a morte de Diego também dá a impressão de que a violência aumentou naquele período e de que está ocorrendo uma onda de conflitos entre torcedores. Entretanto, é difícil saber se as brigas realmente aumentaram ou se elas estão apenas sendo mais noticiadas para dar seguimento a um tema em alta.

Vale ressaltar que o objetivo deste trabalho não é, de forma alguma, negar a existência da violência entre torcedores. Ela existe e isso é evidente, mas o que se questiona é a forma como os jornais a estão retratando. Criticar apenas os torcedores e não tentar mostrar os diversos fatores que fazem com que a violência aflore dentro de uma sociedade, seja em estádios ou em qualquer outro lugar, não parece a forma mais correta de se fazer jornalismo. Este trabalho, como já foi dito, também não visa rejeitar a necessidade de medidas policiais para punir aqueles torcedores que se envolverem em atos ilegais. Punições são necessárias a curto prazo, mas outros fatores como um Estado mais eficiente em setores como saúde, educação e segurança pública também devem ser metas a serem atingidas. Punir por punir não irá resolver as raízes de um problema que tem relação direta com a estrutura social brasileira.

No site da Raça Rubro-Negra os leitores podem acessar um link chamado *Raça e Solidariedade*, onde é possível ver que não é apenas de atitudes violentas e criminosas que se faz uma organizada. Longe disso, existe muito mais por trás delas. Eles também realizam campanhas de doação de sangue, campanhas de arrecadação de agasalhos, visitas a locais que foram devastados por chuvas como Xerém e festas do dia das crianças para seus associados. As organizadas, muitas vezes, se tornam como uma família para aqueles que fazem parte dela, e nem todos que decidem se tornar sócios estão em busca de um grupo de cúmplices em confusões e brigas. Muitas vezes, é nas organizadas que eles se sentem aceitos e respeitados.

Em síntese, esse trabalho de conclusão de curso mostra que a mídia, frente ao tema torcidas organizadas, tende a dar mais ênfase a uma imagem negativa e, muitas vezes, carregada de preconceitos culturais e históricos. Se há interesses políticos e sociais por trás desta posição da imprensa, é difícil afirmar. Mas o que se pode dizer com certeza é que a imprensa sem liberdade é impensável e que os jornalistas precisam pensar com mais responsabilidade sobre o tipo de notícias que estão veiculando. A imparcialidade total é inatingível, mas a consciência sobre os valores que eles estão reproduzindo precisa existir

dentro de cada um dos jornalistas. Não se pode esquecer que as notícias narram mais que fatos históricos. Elas têm o poder de construir e transformar uma realidade social, o que as faz ainda mais importantes.

Portanto, é necessário que o jornalismo seja um espaço aberto aos diversos agentes sociais que estão envolvidos em uma determinada notícia. Se for diferente, ele acaba se tornando um poder a serviço das autoridades e um espaço de reprodução das ideologias do sistema dominante.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Camilo. *O espectador como espetáculo: notícias das Torcidas Organizadas na Folha de São Paulo* [dissertação de mestrado]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 2004.

CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

DINIZ, Lilia. *Mídia tolera a violência nos estádios*. Observatório da Imprensa. 2013. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/midia_tolera_a_violencia_nos_estadios>. Acesso em: 22 out. 2013.

ERBOLATO, Mário L. *Técnicas de codificação em jornalismo – redação, captação e edição no jornal diário*. 5 ed. São Paulo : Ática, 2004.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: UNB, 2008. Pag 88 – 131.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque. *O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

LOPES, Felipe. *'Violência não é só culpa das torcidas organizadas', diz pesquisador*. Fox Sports. 2013. Disponível em: <<http://www.foxsports.com.br/noticias/93123-a-culpa-da-violencia-nao-e-so-das-torcidas-organizadas-diz-pesquisador>>. Acessado em: 05 set. 2013.

MELIM, Tatiana. *Especial Futebol (V): Torcidas organizadas e a cobertura da imprensa esportiva*. Passa Palavra. 2009. Disponível em: <<http://passapalavra.info/2009/06/8662>>. Acessado em: 10 out. 2013.

MURAD, Maurício. *A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

PONTE, Cristina. *Para entender as notícias – Linhas de análise do discurso jornalístico*. Florianópolis: Insular, 2005.

SANTOS, Tarcyanie Cajueiro. *Dos Espetáculos de Massa às Torcidas Organizadas: paixão, rito e magia no futebol*. São Paulo, Annablume, 1998.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo - Porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular, 3.ed. rev. 2012.

TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo: questões, teorias e estórias*. Lisboa: Vega, 1993.

TRAQUINA, Nelson. *A cultura noticiosa*. In: *O que é jornalismo*. Lisboa: Quimera, 2002.

TOLEDO, Luiz Henrique. *Torcidas Organizadas de Futebol*. Campinas: Autores Associados/ Anpocs, 1996.

SITES

YOUNG FLU: www.torcidayoungflu.com.br

RAÇA RUBRO-NEGRA: www.racarubronegra.com.br

FÚRIA JOVEM: www.furiajovem.com.br

FORÇA JOVEM DO VASCO: www.forcajovem.com.br

ORGANIZADAS DO BRASIL: www.organizadasbrasil.com;